



Cartografias da Madeira
Roteiros culturais na produção
ficcional de Helena Marques

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Lúcia Gama da Silva
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro | 2014

Cartografias da Madeira

Roteiros culturais da produção
ficcional de Helena Marques

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Lúcia Gama da Silva

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

Agradecimentos

Na ao longo da elaboração desta dissertação, recebi de o apoio várias pessoas e de formas distintas a quem expresso o meu sentido agradecimento.

À Professora Doutora Ana Isabel Moniz, minha orientadora, pela competência científica, acompanhamento do trabalho, pela flexibilidade e generosidade, assim como pela sugestões e correções, propostas durante a orientação, que contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

À minha colega e amiga Sílvia pela compreensão e incentivo.

Ao Humberto, meu marido, pelo apoio incondicional sempre presente em todos os momentos.

À minha família, aos colegas, aos amigos e a todos aqueles que direta ou indiretamente me apoiaram e acreditaram neste trabalho.

Resumo

Esta dissertação procura analisar diversos aspetos da História e Cultura do Arquipélago da Madeira, entre finais do século XIX até à atualidade, tais como costumes, tradições e influências estrangeiras, entre outras.

A partir de alguns romances de Helena Marques, que recorre à Ilha da Madeira para contextualizar a maioria das suas histórias, apresenta-se uma proposta de roteiro cultural a partir do percurso de algumas entidades ficcionais para pôr em evidência alguns desses aspetos históricos culturais abordados. O roteiro encontra-se dividido em três grupos: espaço público, espaço religioso e museus/espços culturais.

Palavra-chave: Cultura, História, Turismo, Roteiro cultural, Influência estrangeira.

Abstrat

This essay seeks to analyse various aspects of the archipelago's History and Culture of culture from late 19th century until today, such as customs, traditions and foreign influences, among others.

Helena Marques is a writer that uses Madeira island as inspiration for her stories. In this essay, we propose to analyse, we delineate a cultural route, by travelling through her ficcional identities, classified into three groups: public spaces, religious spaces and museums/cultural spaces.

Key words: Culture, History, Cultural route, Turism, Foreign influence

Índice

Introdução	6
1. Helena Marques e a presença da Ilha da Madeira	11
1.1 Considerações teóricas para a criação de um roteiro cultural	14
2. A Madeira entre finais do século XIX e inícios do século XX	17
2.1 Olhares históricos: do contexto europeu ao contexto português.....	18
2.1.1 A Ilha da Madeira	22
2.1.1.1 - Aspetos sociais e económicos	23
2.1.1.2 - A Emigração	29
2.1.1.3 - Agricultura.....	32
2.3.1.4 - A vinha e o vinho Madeira	32
2.3.1.5 - A Cana-de-Açúcar e a produção de derivados	36
2.1.1.6 - O bordado Madeira.....	39
2.1.1.7 - O Turismo e a Hotelaria	41
3. A Sociedade Madeirense	48
3.1. A Sociedade Madeirense - primeiros passos do seu desenvolvimento	48
3.1.1. - Educação e cultura	57
3.1.2 - A Influência estrangeira	61
3.1.3 - Evolução cultural da Ilha.....	68
3.1.4 – Insulares versus estrangeiros residentes: perspetivas e avanços	73
4. Cartografias da Madeira.....	775
Bibliografia.....	1086
Anexos.....	1153

Introdução

Partindo dos romances de Helena Marques, que recorrem na sua maioria, ao quotidiano da Ilha da Madeira como cenário, em dois períodos distintos da sua História, propomo-nos nesta dissertação elaborar um estudo sobre diversos aspetos da História e cultura do arquipélago da Madeira entre finais de século XIX, até meados do século seguinte, procurando evidenciar costumes, tradições, influencias e consequências da presença de estrangeiros, bem como o crescimento e evolução da ilha. Num período marcado por constrangimentos económicos, políticos e sociais, embora se tenham registado progressos fundamentais em benefício da qualidade de vida da população residente, o turismo começa a desenvolver-se, graças à grande afluência de navios à baía funchalense. Trata-se de uma época em que a Madeira se descobria ao mundo, impondo-se pela sua beleza e clima ameno, granjeando assim o seu lugar no universo.

Procurada desde longa data por razões comerciais e como posto de abastecimento nas rotas marítimas, a Madeira notabiliza-se pela diversidade de hábitos justificada em grande parte pela adoção de novos costumes trazidos por forasteiros, bem como pelo resultado das culturas importadas por emigrantes, entretanto regressados à terra. Uma diversidade cultural vivida ao longo de gerações se viria a tornar parte integrante da tradição madeirense. A sua cultura distingue-se, assim, por essa diversidade de estilos, resultante da introdução de hábitos e costumes trazidos por estrangeiros e pelo resultado da influência de emigrantes tornando esse intercâmbio cultural uma realidade sempre presente na vida da ilha. Partilham-se conhecimentos, experiências, tradições, costumes, emoções.

A localização geográfica da Madeira é propícia a uma constante entrada e saída de navios, o que facilitava a troca de culturas e novos hábitos, bem como informações atualizadas do que se passava no mundo, com particular interesse na Europa Central, visto ser o centro do universo, no que concerne ao desenvolvimento e atualidades na época.

Por sua vez, para os ilhéus, a presença de navios representa o desafio da partida na busca de um sonho, de um objetivo de ascensão, de melhores condições de vida, ou até mesmo a

chegada para uma curta estada, com o intuito de recordar as origens, matar saudades, traduzindo-se numa temporada para recuperar força e alento para, de novo voltar a partir. Para outros, poderá representar o regresso desejado à terra, com novos conhecimentos, nova cultura, ansiosos para colocar em prática os recentes saberes e com isso ajudar a desenvolver a sua terra.

Aos olhos dos visitantes, a ilha apresenta-se deslumbrante pela paisagem verdejante que sobe as encostas, pelo clima ameno, pela simplicidade e hospitalidade, pela qualidade de vida. O mesmo acontece quando se deparam com a diversidade de culturas e línguas. Há ainda aqueles visitantes que, seduzidos com a beleza da Madeira e com o seu acolhimento, com o clima, com os poderes medicinais atribuídos à ilha, e estudadas as possibilidades de negócio, optam por aí fixar residência. Com eles transportam e divulgam tradições e culturas, sendo que algumas, sobretudo as mais antigas, se interligam com a cultura local, tornando-se parte integrante.

É, pois, nosso propósito analisar alguns desses aspetos socioculturais da Madeira entre finais do século XIX até aos nossos dias e tentar identificá-los no universo ficcional de Helena Marques, com incidência em *O Último Cais* (1992) e o *Bazar Alemão* (2010), por se nos afigurarem os livros em que a autora concede uma particular atenção aos hábitos culturais característicos da Ilha da Madeira. É também a partir desses mundos de ficção decalcados do real que traçaremos um roteiro cultural como proposta para dar a conhecer a realidade cultural da ilha.

Com recurso à imagem visual e escrita, seja à fotografia, jornais ou outros documentos escritos, é nossa intenção proceder a uma averiguação das alterações ocorridas em momentos distintos do espaço temporal em estudo.

Desde o início do mestrado, houve sempre uma vontade especial de desenvolver uma investigação sobre as representações da Ilha da Madeira na Literatura. Após algumas pesquisas aquando da escolha do tema para a dissertação pudemos constatar que Helena Marques, filha de pais madeirenses e residente na Madeira até cerca dos quarenta anos, recorria frequentemente à ilha para cenário dos seus livros. Trata-se de experiências de vida

que transporta para a ficção, um terreno onde a autora cruza o referencial e o ficcional, a Geografia e a História. Sublinhe-se que dos seis livros publicados até à data, apenas um não centra a sua atenção na Ilha.

Neste sentido, para o nosso trabalho definimos alguns objetivos tais como investigar os costumes, as tradições, a educação, a literatura e a arte na Madeira, desde o século XIX até à atualidade, estudar a influência e as consequências da presença constante de estrangeiros na Ilha, a nível social e cultural, analisar a evolução cultural ao longo dos tempos e a forma como esse progresso é visto pela população. É também nosso propósito e propor roteiros socioculturais da Ilha a partir das obras acima referidas, através da escrita e da ilustração, com recurso à fotografia (sempre que possível comparando épocas distintas).

Para tal, optámos por dividir o nosso trabalho em quatro partes, a saber, a parte na primeira a apresentação da autora Helena Marques, e contextualização das obras suporte à nossa investigação nomeadamente *O Último Cais* e *O Bazar Alemão*, indicado ao longo do trabalho pelas iniciais UC e BA respetivamente. Reservamos a última secção da primeira parte para considerações teóricas no âmbito da criação de um roteiro cultural.

Analisados os temas abordados na produção ficcional de Helena Marques, achamos pertinente analisar a história da época referida na segunda parte deste trabalho no qual relembramos alguns acontecimentos que a marcaram desde o contexto europeu ao contexto português. O mesmo fizemos em relação à Ilha da Madeira. Após um primeiro momento no qual são referidos aspetos sociais e económicos, abordamos algumas das causas e consequências da emigração; na agricultura detivemo-nos na vinha e no vinho Madeira, na cana-de-açúcar e nos seus derivados, no desenvolvimento do Bordado Madeira e, por fim no Turismo enquanto alavanca, do crescimento económico na Ilha.

A terceira parte, denominada “A Sociedade Madeirense” encontra-se disposta em quarto ponto. Nele detivemo-nos em temas relativos à educação, à cultura na Madeira, nos séculos XIX até aos nossos dias. Abordamos os aspetos relativos à influência estrangeira da Madeira e as alterações daí decorrentes. Efeituámos uma análise da evolução cultural face à presença constante de estrangeiros, ao comportamento da população madeirense, ao progresso

imposto pelos estrangeiros residentes assim como pelos emigrantes madeirenses regressados à terra.

Na quarta parte, que designamos por “Cartografias da Madeira: Roteiros Culturais a partir da produção ficcional de Helena Marques”, apresentamos uma proposta de roteiro em que são abordados aspetos da vida citadina da Madeira entre o último quartel do século XIX e a atualidade, baseado em percursos descritos nos romances de Helena Marques, a que foram apensadas infraestruturas recentes existentes no trajeto proposto. Ao longo de todo o trabalho optamos por colocar na margem direita da página, alguns excertos da produção ficcional de Helena Marques que apontam para o assunto em causa.

Parte I

1. Helena Marques e a presença da Ilha da Madeira

Helena Marques, jornalista de profissão, haveria de dedicar-se à escrita ficcional aquando da sua reforma. Mulher, mãe, avó e bisavó, é filha de um casal de madeirenses, que por razões profissionais do pai, nasceu em Carcavelos a 17 de Maio de 1935. Trazida para a Madeira com poucos meses de vida, foi na ilha que cresceu e foi educada. Foi também na ilha que viveu até cerca dos 37 anos, que se formou, que deu início à sua vida profissional, casou e viu nascer os seus filhos.¹

Cresceu no seio de uma família numerosa, com quem mantinha uma ligação estreita e muito afetuosa com os membros mais velhos, uma vez que era deles que ouvia contar histórias do passado, legando-lhe assim um vasto conhecimento de uma época anterior ao seu nascimento². No decorrer da sua infância, muitas vezes abandonava as brincadeiras em prol da companhia dos adultos já que adorava ouvir as suas conversas triviais³.

Em 1957, no *Diário de Notícias da Madeira*, Helena Marques fixou um marco importante na história do jornalismo madeirense, ao ser a primeira mulher madeirense a trabalhar na redação do matutino⁴, uma carreira que viria a ser reconhecida em 1986, com a atribuição do “Prémio Jornalista do Ano”, da Revista *Mulheres*.

Em 1971, por motivos pessoais e profissionais parte para Lisboa com a família. Durante dois anos trabalha na redação do jornal *A Capital*, mudando-se depois para o *Jornal do Comércio*. Não satisfeita, transfere-se para o seu jornal de eleição, *O República*. Contudo, o término deste matutino em 1975 determinou a integração de Helena Marques na fundação do jornal *A Luta*, tendo ali trabalhado durante 2 anos. Em Março 1978, inicia funções no *Diário de*

¹ Helena Marques em entrevista ao jornal *Público*, publicada no suplemento Magazine n.º 167, em 16 de Maio de 1993.

² Helena Marques em entrevista ao *Diário de Notícias de Lisboa, caderno.2*, em 29 de Março de 1992 p. 2-4.

³ Informação prestada pela autora em entrevista ao *Diário de Notícias de Lisboa*, em 17 de Abril de 1998, secção “Artes e Multimédia” p. 48

⁴ Informação extraída do *Público Magazine* n.º 167, publicada em 16 de Maio de 1993.

Notícias de Lisboa, onde permaneceu até Junho de 1992⁵, data em que se reformou. Neste jornal, destaca-se uma vez mais ao ser a primeira mulher a desempenhar os cargos de subchefe e de diretora. Teve, ainda, um curta passagem pela revista *Marie Claire*, na qual assumiu a chefia da redação.⁶

Apesar de se considerar “muito individualista para estar ligada a grandes movimentos”⁷, Helena Marques teve uma participação ativa no Planeamento Familiar na Madeira no final da década de sessenta⁸, tendo trabalhado de perto com a UNICEF “causas que me motivaram profundamente”⁹.

No que se refere a preferências literárias, Helena Marques aponta Eça de Queirós, Vergílio Ferreira, Herberto Helder como referências literárias. Contudo, refere a literatura e cultura inglesa como aquela com que melhor se identifica. Esta sua preferência vem desde os tempos em que vivia na Madeira e da forte influência que esta cultura teve na Ilha. Identifica-se com a literatura inglesa porque diz encontrar nela “o resguardo emocional que se adequa à minha maneira de ser, que é, afinal, a forma como fui educada”¹⁰.

Considera-se afortunada no amor e na vida familiar, realizada como mulher e como profissional de jornalismo independente. Gosta do sossego, sente-se bem no meio da natureza e dos livros. “Fui uma mulher muito feliz no casamento, muito feliz na maternidade e muito feliz na minha profissão.”¹¹

Até à data publicou seis livros, sendo a primeira e a última as obras de referência nesta dissertação.

A estreia de Helena Marques pelo caminho da ficção deu-se com a publicação do livro *O Último Cais*, editado em 1992 e galardoado com todos os prémios atribuídos em Portugal: o

⁵ Entrevista de Carlos Quintino a Helena Marques em 14 de Setembro de 1993.

⁶ Entrevista com Catarina Sá Fernandes, *Diário de Notícia* da Madeira, em 3 de Novembro de 1993

⁷ Entrevista dada ao *Público Magazine*, nº 167, publicada em 16 de Maio de 1993.

⁸ Entrevista com Catarina Sá Fernandes, *Diário de Notícia* da Madeira, em 3 de Novembro. De 1993

⁹ Entrevista dada ao *Público Magazine*, nº 167, publicada em 16 de Maio de 1993.

¹⁰ Entrevista com Roberto Loja, publicada no *Diário de Notícia da Madeira*, em 19 de Maio de 2002

¹¹ Revista do Diário de *Notícias da Madeira* editada em, 10 de Maio de 1998.

prémio da Associação Portuguesa de Escritores do Círculo de Leitores e da revista *Máxima*, o Prémio Procópio de Literatura e o Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa. Em 2001, foi condecorada pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.¹²

A produção ficcional de Helena Marques, em particular *O Último Cais*, publicado em 1992 e *O Bazar Alemão*, editado em 2010, revelam inúmeros aspetos da cultura da Madeira, desde o século XIX até aos nossos dias, que se julga pertinente investigar e estudar no âmbito do mestrado em Gestão Cultural. O romance *O Último Cais* descreve o quotidiano madeirense entre as últimas décadas do século XIX e início do século seguinte, envolto nos vários aspetos que o marcaram: a afluência e influência de estrangeiros na ilha, a emigração madeirense, a união entre famílias madeirenses e estrangeiras, o progresso das infraestruturas hoteleiras a bem do turismo e da economia da ilha. As preocupações com os conflitos mundiais, conhecidas através dos jornais estrangeiros que circulavam no meio madeirense, decorriam das informações trazidas pelos navios ingleses que faziam escala na Ilha da Madeira, cuja beleza e costumes são também temas abordados nas obras.

O Último Cais e *O Bazar Alemão* refletem o quotidiano urbano de uma sociedade fortemente influenciada pela presença estrangeira na Madeira, com particular incidência no Funchal. Por essa razão, parece-nos tratar-se de uma continuidade do primeiro romance. *O Bazar Alemão* aborda temas da Madeira do decorrer dos anos trinta do século XX, como o caminho-de-ferro que existiu na Madeira, muito procurado pelo turismo que continuava a aumentar, a vida social e política madeirense, a permanência de colónias de estrangeiros na Madeira incidindo, em particular, nos problemas sentidos na época tais como a perseguição alemã aos judeus pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial.

Helena Marques transporta assim para as suas obras não só episódios da realidade histórica da Madeira, como também as suas preferências, afinidades e convicções. Os seus livros estão traduzidos em diversas línguas, nomeadamente, alemão, italiano, castelhano, grego, romeno e búlgaro.

¹² *Diário de Notícias* da Madeira, Revista *Mais*, publicada em 10 de junho do 2012.

1.1 Considerações teóricas para a criação de um roteiro cultural

Para uma melhor interpretação, julgamos pertinente a clarificação de alguns conceitos, tais como cartografia, roteiros culturais, cultura e gestão cultural.

Na nossa perspetiva, definimos cartografia como um conjunto de dados escritos que nos oferecem o caminho a seguir para mais facilmente atingir o que se pretende. Por exemplo, o dicionário *Houasis* apresenta a seguinte definição: “Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e científicas que orientam os trabalhos de elaboração de cartas geográficas. Descrição ou tratado sobre mapas.”¹³ Por sua vez, no *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa* pode ler-se o seguinte: “Arte ou técnica de representação gráfica e convencional, das formas e relevos da superfície terrestre, através de mapas, de cartas geográficas”¹⁴.

No que se refere a roteiros culturais, definimos o roteiro como um trajeto previamente delimitado sobre aspetos culturais de uma determinada localidade, cidade ou país, por norma em núcleos separados, em harmonia com as valências existentes. Nos dias atuais, com os meios tecnológicos que dispomos, torna-se mais fácil definir de acordo com os interesses de cada indivíduo um roteiro de um determinado local. Entendemos por culturais todos os aspetos que caracterizam uma região, aspetos esses que podem ser separados e agrupados por temas. Se o *Dicionário Houasis da Língua Portuguesa*, do Instituto António Houasis de Lexicografia Portugal, e o dicionário da *Academia das Ciências de Lisboa* definem roteiro como um “Itinerário ou descrição minuciosa de viagem (1899), indicação e localização de ruas, praças, parques etc, de uma cidade”¹⁵ e “Descrição escrita e pormenorizada de uma viagem. Indicação por escrito da localização e direção das ruas caminho, praças, largos [...], de uma região ou povoação”¹⁶, nomeadamente, é nosso entender que os itinerários literários

¹³*Dicionário Houasis da Língua Portuguesa*, Instituto António Houasis de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates, Tomo I, 2003 p.826.

¹⁴*Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, Vol. I, 2001 p. 717.

¹⁵*Dicionário Houasis da Língua Portuguesa*, Instituto António Houasis de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates, Tomo III, 2003:3207.

¹⁶*Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia das Ciências de Lisboa, vol. II., 2001: 3282.

serão veículos de preservação do património cultural, e nesse sentido, poderão potenciar a emergência de museus locais a fim de proteger os seus usos, costumes e tradições. Uma perspectiva que vai ao encontro de Herbert quando afirma em “Literacy Places, Tourism and the Heritage Experience” (Herbert, 2001), que um determinado lugar pode ser valorizado através da sua ligação com escritores e respectiva obra, dando como exemplos, Dylan Thomas, poeta inglês (1914-1953) e Jane Austen, escritora inglesa (1775-1817) e os locais Laugharne e Chawton onde viveram durante algum tempo.

Aliás, existem algumas obras, de que Viagens na minha terra de Almeida Garrett, *Portugal* de Miguel Torga, *Viagem a Portugal* de José Saramago, entre outras que poderão abrir já caminhos para a consideração de possíveis roteiros culturais.

A nossa perspectiva para uma possível definição de Cultura assemelha-se às definições encontradas nos dicionários, cujas definições são muito semelhantes entre si. O *Dicionário Houasis* designa de “Conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc., que distinguem um grupo social”¹⁷, enquanto o da *Academia das Ciências de Lisboa* escreve que a cultura é o “Conjunto de costumes, práticas, comportamentos [...], que são adquiridos e transmitidos socialmente de geração em geração. Património literário, artístico científico de um grupo social, de um povo”¹⁸.

Entendemos que a gestão cultural é a aplicação racional de meios com vista a promover e desenvolver um conjunto de atividades em áreas culturais. Para definir o papel de gestor, e porque partilhamos da mesma opinião, recorreremos aos conceitos que definem o Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira, entre eles:

“Apresentar e desenvolver os principais conceitos e técnicas necessárias para o crescimento e gestão das organizações culturais das áreas do património, das atividades artísticas e das indústrias culturais, com base numa formação avançada e multidisciplinar em gestão cultural; Criar, conceber e avaliar situações de inovação na Cultura no contexto do funcionamento dos sistemas individualizados ou integrados em rede”¹⁹.

¹⁷Dicionário Houasis da Língua Portuguesa, Instituto António Houasis de Lexicografia Portugal, Temas e Debates, Tomo I, 2003:1152.

¹⁸Dicionário de língua portuguesa contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, vol. I, 200:1042.

¹⁹ Recolhido do sitio da Universidade da Madeira, <http://www.uma.pt/>, Oferta formativa, 2.º ciclo, Gestão Cultural, (acedido em 9 de Setembro de 2013).

Parte II

2. A Madeira entre finais do século XIX e inícios do século XX

2.1 Olhares históricos: do contexto europeu ao contexto português.



Figura 1 - Baía do Funchal, anos 30 do século XX (Fotografia - Museu “Vicentes”)

Com o aumento das navegações do Atlântico Norte, a situação do porto do Funchal passou a desempenhar um importante papel de referência, pois dado o regime de ventos, todas as armadas que saíam da Europa com destino ao Atlântico Sul e ao Índico passavam pelos mares madeirenses. Esse aspecto colocava-se mesmo para as armadas holandesas e inglesas com destino à América Central, e com o desenvolvimento do comércio do vinho da Madeira, tudo se conjugou para tornar o porto do Funchal um dos mais importantes nós de comunicação do Atlântico Norte.

(Carita, 2008:77)

Detentora de uma valiosa localização estratégica nas rotas comerciais existentes entre a Europa e África, a Ilha da Madeira assiste, desde o século XVIII, a grandes progressos, graças à expansão do vinho Madeira e ao turismo, com particular incidência no turismo terapêutico para a recuperação de enfermidades, impulsionadores do seu desenvolvimento. Dotado de um clima que se apresentava ameno ao longo de todo o ano, de um solo que apesar de muito acidentado se manifestava fértil para determinadas culturas, a cidade do Funchal transformar-se-ia num local de interesse mundial. Seria reconhecido no abastecimento e aclimatização dos navios e passageiros na saída ou regresso à Europa, na comercialização do Vinho Madeira que entretanto ganhara apreciadores em todo o mundo, e na esperançosa cura para doenças pulmonares, como era defendido por alguns médicos que com a terapia da ilha curavam as enfermidades.

Quando a procura do vinho diminuiu e as pragas atacaram as vinhas surgiram novas apostas de âmbito comercial. A reintrodução da cana-de-açúcar para a confeção de produtos seus derivados, um forte incentivo à plantação da bananeira, o desenvolvimento da indústria do bordado e a criação de infraestruturas de apoio, entre outros, haveria de contribuir para o progresso e melhoria da qualidade de vida.

A Madeira deixa então de ser procurada como estância terapêutica para dar lugar ao turismo de lazer, que pouco a pouco começa a ganhar cada vez mais seguidores, transformando-se numa importante indústria turística que perdura até aos nossos dias.

Na segunda metade do século XIX, a Europa assiste ao crescimento de duas realidades completamente distintas. Por um lado, o desenvolvimento tecnológico que viria contribuir para facilitar o trabalho e aumentar a qualidade de vida do homem: o desbrochar de grandes avanços no âmbito da indústria, tecnologia e transportes (caminhos-de-ferro, automóvel e avião), indústrias de transformação (aço, energia, combustíveis), equipamentos, instrumentos agrícolas, entre outras descobertas e progressos. Por outro lado, o temível e crescente conflito de interesses e divergências políticas, militares e sociais, que os desentendimentos entre as grandes potências europeias e os seus aliados tornam constantes e cada vez mais fortes. Esses conflitos causariam elevados prejuízos, baixas humanas, insegurança e inquietação não só na Europa como no resto do mundo, de que as Guerras Mundiais e outros conflitos intercalados por alguns períodos de acalmia poderão ser exemplo.

“Os jornais continuam a falar sobre a crise gravíssima que as classes operárias estão a atravessar, sobretudo na França, na Espanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Parece que há centenas de milhares de operários desempregados. É verdadeiramente preocupante” [...] “Tanto mais preocupante” [...] “quanto aumentam o número e a violência das manifestações que acabam sempre por assumir um carácter político. A agitação social alastra”.
(Helena Marques, UC, 37)

A par dos acontecimentos mundiais e europeus, Portugal atravessaria uma complicada crise a vários níveis, gerando-se infindáveis descontentamentos entre o poder político, as forças militares e o povo. A sociedade reclama cada vez mais melhores condições de vida. Por todo o país, é notório o clima de tensão, fome, sofrimento, mas também de revolta. Caminhava-se inevitavelmente para as várias revoluções que se seguiriam.

Os conflitos e desentendimentos políticos acumulavam-se. O revezamento político adotado de forma a permitir a participação, responsabilização e serenidade política, o *rotativismo*²⁰ deixara de ser eficaz. Acresce aos problemas existentes na época o *Ultimatum* britânico²¹, que viria a desencadear um cenário de revoltas, com início no Porto, em 1891, por um grupo de militares, com o objetivo de preconizar o fim da monarquia²².

O ávido programa de construções públicas iniciado na era fontista, com o propósito de modernizar o país numa tentativa de abeirar de outros países europeus, terá sido uma das principais causas da bancarrota portuguesa.

A escassez económica que o país atravessava inviabilizaria a possibilidade de grandes progressos e, em consequência disso, retardaria a posição de Portugal face ao desenvolvimento e industrialização que se assistia no resto da Europa.

Para poder financiar a construção de estradas, pontes e caminhos-de-ferro, Fontes Pereira de Melo haveria de recorrer a crédito estrangeiro, sobretudo ao do Reino Unido. Esse financiamento do exterior acabaria por conduzir Portugal à ruína económica e consequentemente à derrota política.

²⁰ Rotativismo, denominação atribuída ao regime político-partidário praticado em Portugal no durante as últimas décadas do século XIX, caracterizado pelo revezamento do poder político entre o Partido Regenerador e Partido Progressista.

²¹ O *Ultimatum* Inglês ou Ultimato Britânico – Designação dada ao ultimato enviado em Janeiro de 1890 pelas autoridades inglesas a Portugal em que era exigida a retirada imediata do exército português do território africano que separa Angola de Moçambique, sob protesto de ataque militar britânico.

²² Segundo Rui Caria “ Foi com base em toda esta profunda crise que, nos inícios de 1891, surgiu o pronunciamento republicano do Porto. O *Ultimatum* havia sido recebido no Norte como uma autêntica desgraça, revestindo-se de aspectos de verdadeiro luto nacional. Acrescia ser o Porto o berço do primeiro deputado republicano, o Dr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, assim como de uma importante comunidade de comerciantes ingleses, que não deixava de ferir intensamente o brio nacionalista” in em *História da Madeira, O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia constitucional (1834-1910)*.

A propósito do liberalismo, Rui Carita afirma que “A política portuguesa, (no entanto), não parava de se deteriorar, acrescida ainda de escândalos financeiros que chegavam a anunciar uma completa bancarrota, não sendo possível negociar mais empréstimos externos” (Carita, 2008:275). Acrescenta ainda que a crise económica era de tal ordem que por altura das eleições dos deputados às Cortes fora decretado que os eleitos desempenhariam as suas funções de forma gratuita.

Sem o desfecho esperado, prosseguem por parte dos defensores da República e pelos Monárquicos tentativas de perseguição, ameaças e o desejo de instaurar uma ditadura como esperança para a resolução dos problemas do país.

O autoritarismo assumido pela monarquia na resolução de situações de conflito em que foram expostos alguns direitos conquistados aumentaria, de forma considerável, a insatisfação, provocando divisões dentro da Monarquia e conseqüente caminhada para a sua queda. O Regicídio, acontecimento trágico de Fevereiro de 1908, viria fragilizar o governo e aumentar a confiança dos partidos da oposição e população em geral que lutavam por um novo regime.

É neste contexto que viria a acontecer a tão pelezada Implantação da República de 1910, celebrada com euforia em todo o território português. A balizar este feito, a Nação testemunhava diversas mudanças. A Bandeira de Portugal e o Hino Nacional foram alterados para aqueles que existem atualmente, tendo sido modificadas, um pouco por todo país, algumas designações de edifícios e toponímia.

Apesar do Novo Regime, Portugal continua mergulhado numa profunda crise política, económica, financeira e social. A população portuguesa, a viver os efeitos de uma ditadura militar, anseia por melhores condições sociais, por trabalho, por alimentos. É nesta conjuntura que surge António de Oliveira Salazar, a convite do recém-empossado Presidente da República, Óscar Carmona, em 1928. Graças ao método implementado na supervisão dos ministérios, com as reformas económicas e administrativas o então responsável pela pasta

das finanças conseguia aumentar a receita e reconquistar os mercados financeiros internacionais, feito que lhe valeu o ícone de “Salvador da Pátria”²³.

Entrávamos assim no “Estado Novo”, com uma nova constituição desenvolvida pelo próprio Salazar, em que eram reconhecidas as liberdades individuais, mas subordinados aos direitos da Nação. Dessa forma, e com a intenção de impossibilitar a propagação de ações contra o governo, limitava os direitos dos cidadãos, da liberdade de imprensa, de reunião individual e da greve. A juntar a estes constrangimentos, decretaria também a censura à comunicação social, ao teatro, ao cinema, à literatura, e supervisionava todos os assuntos militares, políticos e religiosos. Em suma, tudo era controlado, supervisionado e submetido à censura.

Ainda assim, apesar de todos os constrangimentos, seria no século XX que Portugal conseguiria progredir e encurtar as diferenças quando comparado a outros países europeus, tal como é referido em *História Económica de Portugal*:

“O século XX em Portugal foi marcado pela paulatina aproximação do nível de vida do país relativamente aos demais países de Europa Ocidental. Embora irregular e incompleta, essa aproximação foi mais longe do que alguma vez o país conseguira na sua História. Contrariando as expectativas das interpretações mais populares, a convergências do rendimento nacional português começou logo nas primeiras décadas do século, apesar da instabilidade política e das sérias dificuldades financeira da República. Durante esses anos iniciais a aceleração do crescimento esteve associado às políticas de proteção alfandegaria e de crescente intervenção do Estado, na economia e nas finanças, políticas que viriam a reforçar-se com o advento da ditadura, sobretudo a partir da década de 1930”.

(Costa, *et al* 2011)

2.1.1 A Ilha da Madeira

O espaço insular madeirense não passou imune ao flagelo que inquietava o resto do País. Muito pelo contrário, as fragilidades, as tensões e as crises em alguns sectores foram sentidas de forma mais intensa. Havia fome, falta de assistência médica, ausência de bens, serviços e estruturas de apoio indispensáveis ao garante da saúde e do bem-estar. Para os escassos

²³ Luís Cunha *O Herói no seu provir: D. Afonso Henriques entre evocação e imagem* em <http://repositorium.sdum.uminho.pt> (acedido em 9 de Setembro de 2013) e Filipe Ribeiro de Menezes Salazar, 2010, p. 68 a 70

produtos existentes, os preços praticados eram elevados e os impostos sofriam contínuos aumentos.

2.1.1.1 - Aspetos sociais e económicos

Ao longo de todo o século XIX, a Madeira sentiu-se abandonada pelo poder central no que respeita à resolução dos grandes problemas dos madeirenses e nos assuntos arrolados ao desenvolvimento do arquipélago. A população madeirense, sobretudo a residente nas zonas rurais, vivia grandes privações, sofria períodos de extrema pobreza e fome causada pelas graves crises sociais e económicas. Também as crises na agricultura agravadas pelas pragas de difícil combate viriam a devastar os produtos agrícolas, base de alimentação da maioria dos madeirenses.

O jornal *O Direito*, na sua edição de 25 Janeiro de 1882, por ocasião da eleição do novo deputado para a Madeira, publicava o seguinte texto, dando conta do sofrimento madeirense:

O cofre (do Funchal) tem sido para os governos uma espécie de banqueiro, sobre o qual sacam as importâncias que lhe apraz. Levantam-se pois essas somas, produto de contribuições onerosíssimas, e o povo que paga vê que o dinheiro sai desta terra sem que haja a menor compensação aos seus sacrifícios. Má sina a nossa! Pagamos por tudo, mas que vantagens, que compensação nos dão os governos? Porque sofremos docilmente todos os encargos, porque não ameaçamos como os açorianos, o governo central, de procurar o patrocínio de uma nação estrangeira, poderosa, havemos de continuar a pagar por tudo e sempre, sem nenhuma compensação? Pois não temos direito a esses gozos dispensados aos povos do continente e dos Açores?(...) Não compreendemos o patriotismo desses governos que só cuidam em dotar o Continente de caminhos de ferro, pontes colossais, esquecendo que no à uma terra prendada de todas as galas da natureza mas erma de todas as condições que civilização e humanidade exigem dos povos cultos²⁴.

O acesso ao resto do mundo estaria circunscrito ao tráfego marítimo, que apesar da sua grande afluência, nem sempre transportava a bordo as quantidades suficientes dos bens necessários à população residente na Madeira. Acresce o facto de a população mais necessitada não dispor de meios financeiros para os adquirir.

²⁴ Jornal *O Direito* publicado em, 25 de Janeiro de 1882, citado por Rui Carita, *História da Madeira, o longo século XIX: do Liberalismo À Republica. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*, VII Volume pp. 233-234.

No decorrer da segunda metade do século XIX e primeira metade do século seguinte as privações sentidas no espaço insular madeirense fragilizaram os seus habitantes. A fome, as doenças e os problemas sociais deixaram a população revoltada e indisciplinada.

Os diversos problemas na agricultura, com particular incidência na vinha e na cana-de-açúcar, de que trataremos mais adiante, foram de certa forma os principais responsáveis pelos problemas de saúde que assolaria os madeirenses. Em 1872, um surto de varíola ceifou a vida a cerca de um milhão de indivíduos e em 1892 um outro, de raiva, voltaria a fazer mais vítimas mortais. Já no século XX, a peste em 1906, a cólera em 1910 e a tuberculose mais tarde fustigariam a população²⁵.

“A epidemia de cólera que havia devastado o Funchal,
levava também Maria Ana e a pequena Ana Maria”
(Helena Marques, UC, 41)

A crise política e económica e as sucessivas aplicações de normas governativas havia de provocar na população ondas de revolta com manifestações públicas de descontentamento. O espaço insular madeirense não foi exceção, tal como é mencionado no *Elucidário Madeirense*:

A situação da Madeira era então bastante crítica. A cana-de-açúcar tinha desaparecido quase completamente, e os vinhedos produziam pouco e estavam também, gravemente ameaçados. O afastamento da navegação do nosso porto e os males de que enfermava todo o país ainda mais agravaram a situação económica do arquipélago. O terreno não podia ser mais favorável para fazer germinar a indignação pública com a ideia do lançamento de novos impostos.

(Silva e Menezes, vol. II, 1978:395)

A tentativa de criação das *Juntas da Paróquia* decretada em 1835 e de novo a promulgação do Código Administrativo de 1886 (anexo 1), que tinha como objetivo “administrar e gerir os bens e interesses peculiares da paróquia”²⁶, designado no seio popular por *Parreca*²⁷, foi

²⁵ *Elucidário Madeirense*, Vol I, 1978:550-554.

²⁶ *Código Administrativo Português* por decreto de 17 de Julho de 1886, seguido dos decretos de 29 de Julho e 12 Agosto do mesmo ano, art.º 188.º p. 82.

²⁷ “Junta da Parreca ou simplesmente a Parreca, como o povo chamava aquelas corporações administrativas”, *Elucidário Madeirense*, vol II, 1978:395.

entendido pelo povo como invenção de mais impostos, razão pela qual, cansado de tantos infortúnios, se haveria de revoltar:

em muitas freguesias, deram-se acontecimentos de muita gravidade, alterando-se por vezes a ordem pública. Em algumas delas, esses acontecimentos revestiam um carácter de manifesta hostilidade para com todos os que exerciam cargos de autoridade ou desempenhavam quaisquer funções públicas, sem exclusão de pessoas mais gradas e mais consideradas que aí residiam. Foi uma época de verdadeiro terror vendo-se muitos obrigados a deixarem os seus domicílios e procurarem ao Funchal abrigo seguro contra os demandas do povo revoltado.

(Silva e Menezes, vol. II, 1978:395)



Figura 2 - Revolta da Madeira - assalto à fábrica do Pelourinho em 1931. (Rui Carita - CD)



Figura 3 - Caricatura ao monopólio da farinha publicada no Re-Nhau-Nhau (Rui Carita - CD).

Em 1921, o preço elevado decretado pelos industriais de moageiros à farinha e ao pão desencadearia várias rebeliões no Funchal.

Dez anos mais tarde, em 1931, a publicação o Decreto-Lei n.º 19.273 (anexo n. 2), apelidado de *decreto da fome*,²⁸ com o intento de normalizar o setor dos cereais no qual estaria

²⁸*Decreto da fome*, designação pela qual ficou conhecida na Madeira o decreto n.º 19.273 do Ministério da Agricultura, declara livre importação de trigo no Distrito do Funchal, (Carita, 2008:146), corroborado por (Guerra,2010, p.197).

consignada a abolição da livre importação de trigo e entrega do exclusivo a um grupo de moageiros, desprenderia fortes desacatos. A população, que se sentia cada vez mais cansada, faminta e com menos recursos, inicia uma luta de protesto. Saquearam fábricas e armazéns, pilharam recheios, tendo algum desse recheio sido atirado para dentro das ribeiras. Houve mortes e muitos feridos. Para repor a ordem, o governo central enviou para o Funchal um grupo de militares. Contudo, descontentes com o regime, aliam-se aos madeirenses, aos civis e militares deportados pelo regime da Ditadura e a 4 de Abril de 1931 promovem um ataque militar, que ficaria conhecido como a “Revolta da Madeira”. O responsável pelo governo de ditadura na Madeira foi preso, tendo-se de imediato constituído a Junta Militar, chefiada pelo General Adalberto de Sousa Dias, criando assim um governo independente da Governação de Lisboa que se manteria durante cerca de um mês, após a chegada de reforços militares. A ausência de meios de articulação entre os membros da Junta Militar recentemente formada dariam a vitória ao governo da Ditadura e o retrocesso ao regime que o governo central pretendia para a Madeira (Carita, 2008).

Ainda na mesma década, no verão de 1936, foi a vez da revolta camponesa. A promulgação da lei relativa à criação da Junta Nacional dos Lacticínios da Madeira fez levantar a voz do povo que por toda a ilha se exteriorizava. Entre os concelhos de Santana e de Ponta do Sol, multiplicaram-se os protestos contra a aplicação do Decreto-lei n. 26655, de 4 de Junho de 1936. Esse decreto-lei estabelecia entre diversas outras diretrizes a criação da Junta de lacticínios da Madeira, com controlo na fixação do preço do leite e fabricação de produtos derivados, o número de postos de desnatação, reduzindo de forma drástica os existentes, dificultando o trabalho do agricultor que teria de percorrer distâncias maiores para efetuar a entrega do leite. A esses motins cada vez mais intensos, o governo central do Estado Novo responde de forma radical, enviando para a região forças militares. São detidas centenas de pessoas de ambos os sexos, tendo algumas delas cumprido a pena de prisão fora da Ilha. Entre esses presos, destaca-se o pároco do Faial, Padre César, apoiante, informador e esclarecedor da causa defendida pelo povo.



Reenactão
da
Salve homenagem que o povo do Faial
me presta, espontaneamente, em 23.XII.59
a quando de minha breve visita à
frequência após 13 anos de ausência.
Deixando a agradecer.
Cesar de Fátima

Figura 4 - Registo da visita do Pa. Cesar ao Faial em 1959 (Arq. pessoal)

Em data recente, 4 de Julho de 2013, a Assembleia Legislativa da Madeira, prestou “Justa Homenagem às Mulheres Madeirenses Participantes na [Revolta do Leite] de 1936”, publicada no passado dia 9 de Agosto de 2013 na primeira série do Diário da República. (anexo n. 3).

Também a participação de Portugal na Primeira Grande Guerra, ao lado do Reino Unido, viria a ter na Madeira um desfecho negativo.

“... em 1914-1918, foi a Alemanha a agressora – e houve um navio alemão que até bombardeou o Funchal, aqui tão longe e tão tranquilo”
(Helena Marques, BA,179)



Figura 5 - Notícia sobre o 1.º bombardeamento alemão ao Funchal, publicado no Diário de *Notícias da Madeira* em 5 Outubro de 1936 (Rui Carita – *Curso de História e Cultura da Madeira* – CD)

Os conflitos existentes entre o Reino Unido e a Alemanha e os interesses dos mesmos pela Madeira viriam a provocar mutabilidades na ilha. Foram efetuados dois ataques germânicos ao Funchal a partir de submarinos, em plena Guerra Mundial (1916 e 1917). O primeiro bombardeamento, em Dezembro de 1916, causou a morte a tripulantes e o afundamento de três embarcações, duas francesas (*La Surprise e Kanguroo*) e uma inglesa (*Dácia*), ancoradas na baía funchalense. Um ano depois, um segundo ataque, desta vez apontado para terra, ceifou a vida a 5 pessoas, ferimentos em muitas pessoas e disseminou o pânico na cidade (Carita, 2008:CD).



Figura 6 - Afundamento da embarcação francesa ancorada na baía do Funchal (Rui Carita – *Curso de História e Cultura da Madeira* – CD).



Figura 7 - Estado em que ficou a igreja de Santa Clara após o 2.º bombardeamento Alemão (Rui Carita - *Curso de História Cultura da Madeira* - CD)

Foi desde o começo da Primeira Grande Guerra que o tráfego marítimo na Madeira sofreu uma baixa superior a cinquenta por cento. Com os bombardeamentos alemães, a escassez de navios acentuar-se-ia ainda mais. Consta que, em 1918, apenas 113 navios terão passado pelo Funchal, um valor, muito distinto daquele registado em 1913 em que deram entrada 1369 navios. (Carita, 2013:245)

2.1.1.2 - A Emigração

“Raquel pergunta-lhe pelos filhos embarcados em Demerara”

(Helena Marques, UC,32)

A ausência de uma fonte de rendimento causada pelo infortúnio agrícola, conjugada com a crise económica que assola o país, daria origem a grandes fluxos de emigração. O desejo de conseguir melhores condições de vida levou a que milhares de madeirenses abandonassem a ilha rumo a um destino desconhecido e por vezes muito aquém do esperado.

“Enquanto Marcos percorria o distrito de Demerara, onde se registava a maior concentração de madeirenses, quer nas plantações de cana-de-açúcar, que nos engenhos de destilação de rum”.

(Helena Marques, UC,93)

A constante passagem de navios rumo a destinos onde se sabia poder encontrar trabalho em áreas bem conhecidas, tais como a cultura da cana-de-açúcar, e ainda a presença da comunidade britânica nessas instâncias, tornar-se-ia um modo alternativo de sustento de milhares de famílias madeirenses e, por conseguinte uma melhoria da qualidade vida. A auxiliar e a incentivar a emigração, a Grã-Bretanha contava com o prestável contributo do

reverendo Robert Kalley²⁹, que desenvolvera junto das povoações mais necessitadas campanhas de emigração, com promessas de um futuro melhor. Segundo se crê, durante alguns anos anteriores à sua expulsão, ocorrida em 1846, terá sido o responsável pela saída de milhares de madeirenses para Demerara e para outras dependências britânicas. Como afirma Rui Carita, em *Funchal 500 anos de História* garantia trabalho e facultava o transporte marítimo gratuito. (Carita, 2008:134)

Apesar dos alertas publicados nos jornais e das preocupações do governante José Silvestre Ribeiro, que inclusive enviara um apelo ao Cônsul português na Guiana Britânica, prevenindo sobre o trabalho forçado a que eram submetidos e as condições desumanas em que viviam, o número de emigrantes continuava a aumentar, como aumentavam também as saídas ilegais: “Desde 1835 até 1855 saíram da Madeira cerca de 40.000 pessoas, das quais apenas cerca de 20.000 levaram passaporte”, afirma Rui Carita. (Carita, 2008:135)

“sabe primo, que continua a aumentar a emigração para Angola” [...] E também seguiram emigrantes para as ilhas de Sandwich e continuam a seguir para o Brasil e para a Guiana Britânica”.

(Helena Marques,UC,139).

As sucessivas dificuldades no espaço insular madeirense empurrariam cada vez mais filhos da terra para longe. Aventuram-se, procuram novos destinos, e assim, novas oportunidades. Partem em grande número para as Ilhas Sandwich, no Havai, para África, sobretudo para Angola, Moçambique e África do Sul, bem como para a América, Brasil, Venezuela, Antilhas Holandesas, Estados Unidos e Canadá. Em pleno século XX, a Europa surgiria como destino preferencial de emigração.

A figura do Diário de Noticias da Madeira, data de seis de outubro de mil novecentos e dez, revela a quantidade de navios para destinos distintos.

²⁹ Robert Kalley, médico, defensor acérrimo do Protestantismo, viveu na Madeira entre 1838 e 1846. “Limitou-se, nos primeiros tempos, ao exercício gratuito da clinica, em que logo se tornou notável, à prática de caridade para com os pobres e à fundação de escolas, o que, junto às suas qualidades pessoais e ao prestígio da sua palavra, fez criar em torno do seu nome uma auréola de simpatia, consideração e respeito por todas as classes sociais da nossa terra”. A sua forte convicção e proselitismo protestante, fê-lo insultar a religião católica o que viria a despoletar descontentamentos na população, tendo sido forçado a abandonar a ilha a 9 de Agosto de 1846. *Elucidário Madeirense*, Vol. II, p.400-403.

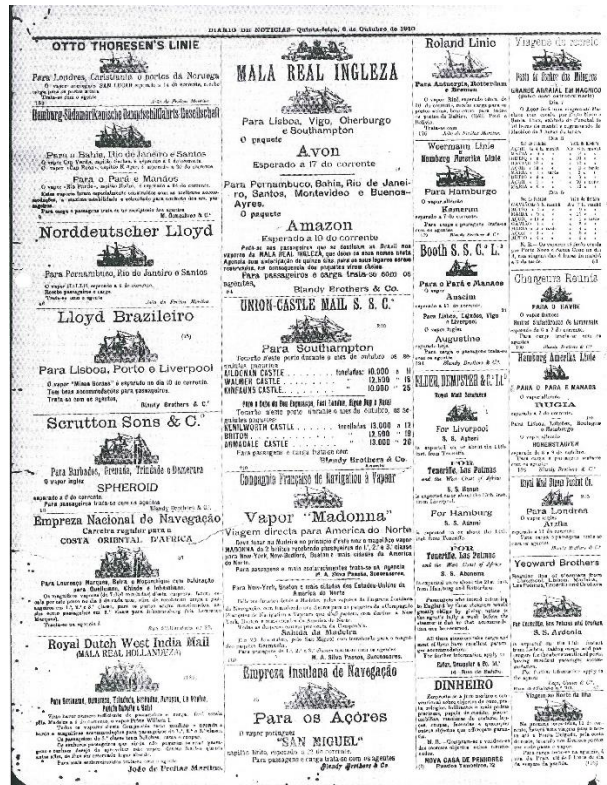


Figura 8 - Publicidade do trafego marítimo no Funchal em 1910. (DN)

Houve também a saída de centenas de jovens com o objetivo de prosseguir os estudos, muitos dos quais, com a conclusão do curso e encontrada a estabilidade pretendida, não haveriam de regressar à ilha³⁰.

A emigração geraria receita ao originar a entrada de algumas quantias monetárias na Madeira, na ajuda à família que ficara, na aquisição de imóveis, na promoção de arraiais e conforto de forma a aumentar a qualidade de vida³¹.

³⁰ Rui Carita in *Isleña* n.º 42, junho de 2008 p. 100-110

³¹ No *Elucidário Madeirense*, lemos que “ Todos os anos vêm para a Madeira importâncias avultadas, remetidas pelos madeirenses residentes nos Estados Unidos da América. Muitos desses madeirenses têm regressado já à pátria, trazendo capitais que aplicam quase sempre à compra de propriedades” vol. I, 1978:752.

2.1.1.3 - Agricultura

O alicerce da economia insular, salvo algumas exceções como é o caso do turismo, sobretudo já no século XX, esteve sempre relacionado com a agricultura, de onde surgem grandes proveitos, com o açúcar e o vinho Madeira. Em paralelo, e em quantidades bem inferiores, eram cultivados alimentos destinados ao sustento da população.

Os terrenos madeirenses, por hábito, desenvolvem monoculturas. Nos anos-luz do açúcar³², a maioria dos terrenos produziam cana-de-açúcar, permitindo um enriquecimento do património existente no meio insular. Adquiriram-se valiosas peças de joalharia, pinturas, esculturas a Flandres³³, inseridas nas trocas comerciais geradas pelo comércio açucareiro, arte portuguesa, sobretudo destinadas à ornamentação das igrejas.

Com a emergência de novos mercados de produção de açúcar, a preços mais competitivos como, por exemplo, o Brasil, Demerara e Havai, os solos madeirenses trocam a cana-de-açúcar pela vinha, desenvolvendo-se novo ciclo económico no decorrer dos séculos XVIII e XIX, o ciclo do Vinho Madeira.

Introduziram-se as vinhas, cujo néctar viria a conquistar fama mundial, promovendo o arquipélago criando assim uma nova fase na sua economia.

2.3.1.4 - A vinha e o vinho Madeira

«Mas que castas existem, quais são as melhores?»,
quis ele saber. Uma das senhoras mencionou a

³²«Açúcar. A Indústria sacarina prosperou bastante entre nós nos séculos XV e XVI (...) O açúcar madeirense era conhecido então nos principais mercados europeus, e, ao Papa Leão X, enviou uma vez o Capitão Simão Gonçalves da Camara, bem conhecido pelas suas liberdades, vários presentes valiosos, entre os quais avultavam o Sacro Colégio, fabricado com aquêlo produto, e os cardiais em tamanho natural, todos feitos em alfenim” -*O Elucidário Madeirense*, Vol. I, 1978:14-16.

³³ Rui Carita, “Curso de História da Madeira”, versão digital.

malvasia, o boal, o verdelho, o sercial. «E o terrantês», acudiu Constança, «não esqueça o terrantês. Até existe um ditado que recomenda *Se tens uvas terrantês, não as comas nem as dês, para vinho Deus as fez.*»

(Helena Marques, UC, 43)

A indústria vinícola viria a impor-se no contexto cultural e económico da ilha. Desenvolvida mormente por estrangeiros, sobretudo britânicos que terão visto neste produto um negócio com futuro, terão sido eles a incentivar a cultura da vinha e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da qualidade dos vinhos, divulgando-os pelos quatro cantos do mundo.

O vinho Madeira terá seduzido as mais distintas e solenes personalidades - aristocratas, militares, políticos, poetas entre outros portugueses e estrangeiros, ocupando um lugar de destaque em atos comemorativos. As celebrações da Independência dos Estados Unidos da América a 4 de Julho de 1776, disso pode ser exemplo, bem com o facto de ser o vinho preferido por inúmeras figuras ilustres da história, tais como George Washington, John Adams, Thomas Washington e Winston Churchill. Escritores portugueses e estrangeiros da época fazem inúmeras referências ao vinho Madeira nas suas obras³⁴, como é o caso de William Sheakpeare³⁵.

Desde o século XVI, o vinho Madeira ganha fama e notoriedade levando a que se alterasse o modo de vida dos ilhéus. Inebriados pela sua grande procura, submetem os terrenos ao cultivo da vinha, tornando-o num dos únicos meios de subsistência. Daí retiraram lucro suficiente para uma vida farta, para sustentar os hábitos de uma habitação apalaçada e ainda promover a construção de igrejas e conventos, entre outras obras. A sociedade madeirense

³⁴ Extraído do registo *on-line* do Instituto do Vinho Madeira, “História do Vinho Madeira”, <http://www.vinhomadeira.pt/História-25>, em 07 de Agosto de 2012.

³⁵ “Em 1478 Eduardo IV, rei de Inglaterra ordenou a execução de Jorge Plantageneta, Duque de Clarence, irmão do futuro rei Ricardo III, por atender contra a soberania régia. De acordo com a lenda o duque preferiu morrer afogado numa pipa de malvasia. A situação é dramatizada, mais tarde por Shakespeare, tendo como pano de fundo a Torre de Londres. Diz-se que a malvasia em que se afogou o malogrado duque era oriunda da Madeira. Mas o dramaturgo refere apenas o vinho Madeira quando na peça sobre Henrique IV, coloca John Falstaff a vender a sua alma "por um copo de Madeira e uma perna de capão". Alberto Vieira, História – *Breve Dicionário Sobre a Vinha e o Vinho Madeira*, in CEHA, versão digital, <http://www.madeira-edu.pt/ceha/> (acedido em 02 Outubro de 2013).

alcançou padrões de qualidade de vida elevada, sendo os hábitos ingleses um exemplo a adotar³⁶.



Figura 9 - Castas de vinho Madeira (Associação de Municípios do Vinho)

No século XVIII e início do século XIX, os madeirenses ter-se-ão habituado aos proveitos arrecadados com o vinho Madeira e ao estatuto que este alcançara, ao ponto de nem mesmo os apelos de alguns governantes contra o monopólio do vinho e contra a ausência de variedade na agricultura, os demoveu. Pelo contrário, o constante aumento da procura do tão afamado vinho viria a incentivar o desenvolvimento de processos que permitissem o envelhecimento precoce do mesmo, com recurso à estufa ou ainda ao chamado “Roda do Vinho”³⁷.

³⁶ Alberto Vieira, *História – Breve Dicionário Sobre a Vinha e o Vinho Madeira*, in CEHA, versão digital, <http://www.madeira-edu.pt/ceha/> (acedido em 02 Outubro de 2013).

³⁷ “O vinho da roda é algo de característico na História do Vinho da ilha. Apenas o Madeira, pelas suas qualidades organolépticas, conseguiu ser companheiro dos navegadores na longa travessia do Atlântico e Índico, fazendo a rota de ida e retorno. O calor a que as pipas estavam sujeitas no porão do navio e a ondulação constante fizeram dele um vinho com inestimáveis qualidades.//Foi o inglês quem descobriu esta mudança operada no vinho da Madeira e quem procurou tirar partido da situação. Deste modo, a partir de 1730, o mercado britânico foi invadido pelo *East India* Madeira, isto é o vinho de torna viagem ou o vinho da roda.” Alberto Vieira *História – Breve Dicionário Sobre a Vinha e o Vinho Madeira*, in CEHA, versão digital <http://www.madeira-edu.pt/ceha/>, (acedido em 02 Outubro de 2013).

Contudo, na segunda metade do século XIX, as cepas viriam a ser atacadas por doenças que as devastou quase na totalidade, primeiro na década de cinquenta, pelo Oídio, e nos anos setenta pela Filoxera.

Os solos cultivados na sua maioria com vinha ficaram quase despidos. As populações que dependiam dessa cultura e da produção vinícola viriam a sofrer sérias dificuldades económicas e, em consequência disso, escassez de alimentos. A fome, a doença e a ausência de bens fundamentais de subsistência grassava, de forma drástica, sobretudo entre as classes menos favorecidas.

No decorrer do século XIX e princípio do século XX, o vinho Madeira passou por situações muito difíceis. Contrariamente ao que sucedera no século anterior, devido à crise económica que a Europa atravessava e à concorrência no fabrico de vinho³⁸, a exportação viria a sofrer um decréscimo. Para além disso, as pragas (oídio e filoxera) devastaram as vinhas provocando a diminuição na produção e, assim, no poder de compra da população que vivia exclusivamente do seu comércio. Essa situação levará a casos de extrema miséria nas zonas rurais e nas populações menos favorecidas. O quadro que se segue, com dados retirados de, *A Economia da Madeira (1850-1914)*, Benedita Câmara mostra em números o resultado dessa produção, assim como a sua lenta retoma:

Anos	Médias anuais (hetctolitros)
1850 – 1851	46 545
1852 – 1862	2 085
1868 – 1877	19 558
1884 – 1887	16 307
1890 – 1894	25 868
1901 – 1903	37 405
1908 – 1909	44 192
1911 – 1914	64 586

(Câmara, 2002:92)

³⁸ Benedita Camara, em *Economia da Madeira (1850-1914)*, refere que entre finais do século XIX e início do século XX, relatórios consulares noticiam o aumento do fabrico e do falso vinho da Madeira, vendido em países que por hábito compravam na Madeira a preços inferiores 2002, p. 133.

Também o *Diário de Notícias* do Funchal, na sua edição de dezassete de outubro de mil oitocentos e setenta e seis apresenta um artigo com base na “*Statistica Historica-Geographica das ilhas da Madeira e Porto Sancto pelo major Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes*”³⁹, sobre a situação com vinho Madeira com registos sobre a produção e exportação entre os anos de os anos vinte e os anos setenta do século da centúria de oitocentos, que se verifica uma acentuada diminuição.(anexo **xx**)

Álvaro Rodrigues de Azevedo, nas notas de *Saudades da Terra*, escreve “Assim mesmo a Madeira chegou a miseranda decadência; e o vinho, único producto a que se dedicava, era ao mesmo tempo o seu recurso e a sua desgraça, o seu thesouro e sua pobreza”⁴⁰.

Após o moroso e difícil processo com recurso a novas técnicas, tratamentos das vinhas e introdução de castas mais resistentes, foi possível dar continuidade à produção do vinho Madeira, recuperando a notoriedade e a relevância económica.

Atualmente, o vinho Madeira mantém a mesma fama e continua a ser apreciado nas mais diversas ocasiões, oficiais, sociais e familiares, tanto a nível regional, nacional como mundial.

2.3.1.5 - A Cana-de-Açúcar e a produção de derivados

Apesar das melhorias verificadas no campo da vinicultura, que aliás continua até aos nossos dias, satisfazendo o prazer dos seus apreciadores, considerado “remédio para todos os males”⁴¹, retomar-se-ia a produção de cana-de-açúcar que entretanto perdera terreno para as vinhas. Enquanto no século XVI a cana-de-açúcar cederia lugar à vinha, no século XIX o processo viria a ser o inverso. Algumas das terras que outrora viram morrer cepas atingidas

³⁹ *Diário de Notícias da Madeira*, editado em 17 de Outubro de 1876.

⁴⁰ Notas de Álvaro Rodrigues de Azevedo, em *As Saudades da Terra*, Fac-Símile de Gaspar Frutuoso, 2007:720.

⁴¹ Referência extraída da obra Rui Carita *Funchal 500 anos de História*, p. 84.

por fungos recebem gradualmente a cana-de-açúcar, mas ocupando apenas as margens dos terrenos (Câmara, 2002:149).

Após a sua reintrodução, a cultura de cana-de-açúcar foi múltiplas vezes atingida por várias doenças. Contudo, o trabalho desenvolvido pelos agrónomos empenhados na cultura dos canaviais na Madeira, com a aplicação de adubos e introdução de variedades sacarinas mais resistentes, permitiu a continuidade desta cultura.

A partir da segunda metade de século XIX até ao início do século XX, de acordo com os dados apresentados por Benedita Câmara, em *A Economia da Madeira (1850-1914)*, registou-se um aumento de produção da cana sacarina (Câmara, 2002:148). Foi também notório o incremento dos produtos seus derivados, aguardente, mel e açúcar, sobretudo na fabricação de aguardente durante as décadas de sessenta e setenta do século XIX.

Face à decadente conjuntura económica resultante da cultura vinícola, o Governo Civil apoiou a introdução de novas variedades de canas, com empréstimos monetários e isenção de impostos.

Embora se assista a algum empenho na produção desses bens alternativos ao vinho, a má experiência com a vinha ainda muito presente no quotidiano madeirense aliada ao trabalho intenso que esta cultura exigia e à sua fragilidade em relação a fungos, desencorajou as populações para culturas de grandes áreas como, aliás, já se verificara com o vinho.

A produção de açúcar daria pouco mais do que o necessário para o consumo insular. Benedita Câmara menciona que “Em 1863, a Madeira exportava 40% do açúcar que produzia” (Câmara 2002:158). Enquanto beneficiou da isenção de taxas alfandegárias, o açúcar madeirense manteve mercados nos Açores e no Continente português. Finda essa benesse, perdeu mercado para o açúcar importado devido ao valor do preço com o qual o açúcar madeirense não conseguia competir.

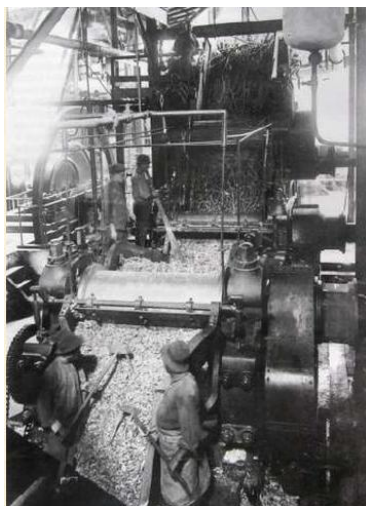


Figura 10 - Fábrica de Açúcar do Torreão (Ilha 15)

A aguardente de cana destinava-se apenas ao mercado regional tendo a sua produção e consumo aumentado bastante. Benedita Câmara menciona que o aumento de consumo de aguardente, no decorrer dos anos setenta do século XIX é causado pelo decréscimo da produção de vinho, decorrente da *filoxera* (Câmara,2002:155). O *Elucidário Madeirense* menciona a existência de 40 fábricas de produção de aguardente entre os anos de 1911 e 1917, o excessivo consumo que se verificava e as preocupações sociais daí resultantes bem como as medidas adotadas para a produção e consumo do mesmo⁴².

A construção de levadas, desenvolvida a partir do século XIX, permitiu uma maior variedade e melhoria nos campos agrícolas, nas zonas de melhor produtividade, como a bananeira na costa sul, a batata e outros produtos para consumo familiar ou local. Todavia, as constantes dificuldades sentidas na agricultura viriam a estimular ao longo dos tempos uma mudança na economia madeirense, desenvolvendo-se novas fontes de sustento.

⁴²Relativo à questão da produção de aguardente, na Madeira o Elucidário, cita que " Existem presentemente na Madeira 40 fábricas destinada a fabricar aguardente a 26 graus Cartier, mas algumas delas não funcionam com regularidade". Na continuação do texto sobre o tema, encontra-se citado o decreto governamental relativo aos problemas, advindos do consumo excessivo de aguardente na Madeira e as medidas aplicadas para combate do mesmo.

2.1.1.6 - O bordado Madeira

Em meados do século XIX, numa altura em que o elevado número de indivíduos do sexo masculino que recorria à emigração para melhoria das condições de vida, a mulher começa a contribuir para o sustento da família. O bordado Madeira, produto quase desconhecido fora do espaço insular, rapidamente ganharia fama e admiradores aquando da “Exposição de Indústria Madeirense”, decorrida no Funchal, em 1850. Também a presença na “Exposição Universal de Londres”, em 1852, em que estiveram presentes vários produtos madeirenses, graças ao empenho de José Silvestre Ribeiro, o então governador civil, contribuiu para a sua divulgação. Para além das exposições atrás referidas, Miss Phelps⁴³ apresenta o bordado Madeira a algumas pessoas influentes e suas conhecidas, em Londres, iniciando-se, assim, a sua comercialização. Mais tarde, os comerciantes ingleses Roberto e Franck Wilkinson continuariam o trabalho de lançamento e comercialização do bordado⁴⁴. A arte de bordar desenvolvida pelas mulheres da Madeira e Porto Santo apresentou-se como uma forma de colaborar no sustento da família, tornando-se, já em finais do século, numa indústria com bordadeiras de profissão:

“[Há na Madeira [...] duas classes de bordadeiras perfeitamente distintas: a das bordadeiras rurais e a das bordadeiras profissionais. [...] As remunerações obtidas pelas duas classes de bordadeiras são também muito diversas. Algumas bordadeiras profissionais há que chegam a ganhar duas a três vezes mais diariamente, do que a melhor das bordadeiras rurais]”(Silva e Menezes, vol I, 1978:316)

⁴³Miss Elizabet Phelps, nasceu no Funchal, 1820 de uma família inglesa que se radicou no Funchal nos finais do século XVIII. (Eberhard Axel Wilhelm, “As Casas Alemãs de Bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer”, in *Islenha* 47, em Dezembro de 1990, p. 52).

⁴⁴ *Elucidário Madeirense*, volume I, 1978, p. 314.



Figura 11 - Bordadeiras no campo (s/a)



Figura 12 Bordadeiras em São Gonçalo no Funchal
(Museu – *Vicentes*)

Apesar do árduo trabalho que o bordado exige, como afirma Wilhelm, em termos remuneratórios, a maior parte dos lucros ficava na posse de quem comercializava.⁴⁵

No final do século, o decréscimo da procura desse produto no mercado inglês abriu espaço a novos mercados, surgindo então as primeiras casas alemãs de exportação de bordados, divulgando-os assim num novo nicho comercial. De entre os diversos destinos, a maioria das vendas registou-se nas exportações para a Alemanha e Estado Unidos da América.

É pelas mãos germânicas que o bordado se desenvolve e ganha novas técnicas e contextos. São eles os empreendedores no processo de preparação e modificação dos tecidos e mudança de cor da linha, no método de estampagem entregue doravante à bordadeira já com o desenho, técnica até então desconhecida.

A primeira Guerra Mundial e as incompatibilidades entre Portugal e a Alemanha deram quase por extinto o negócio de exportação das casas de bordados alemães, tendo ficado como sucessores os americanos cujo mercado principal de escoamento era constituído essencialmente pelos Estados Unidos da América (Nepomuceno, 2003:217).

⁴⁵ Eberhard Axel Wilhelm, “As Casas Alemãs de Bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer”, in *Islenha* 47, em Dezembro de 1990:52).

Num espaço temporal que não ultrapassa cinquenta anos verificou-se um grande aumento de bordadeiras.

Os bordados, em 1862 produzidos por 1029 bordadeiras vendiam-se principalmente a turistas estrangeiros, fazendo mais vendas no Funchal [...] em 1906 já havia 30.000 bordadeira rurais, especialmente na costa Sul e em Porto Santo, e 2.000 funchalenses profissionais [...] e em fins de 1912 eram 32.000 e 2.500⁴⁶.

Valdemar Guerra, na sua cronologia, refere que em 1918 existiam no Funchal trinta casas exportadoras de bordados; em 1920 esse número subiu para sessenta e em 1923 era próximo de cem as casas que trabalhavam na exportação de bordados, facultando emprego a cerca de setenta mil pessoas.

Houve ainda outras profissões que deram fama, proveito e projeção ao mercado, como é o caso de trabalhos feitos com vimes que, apesar de cada vez menos frequente, “manter-se-ia muito activa nas primeiras décadas do século XX, não havendo turista que não levasse na sua bagagem uma recordação desse género, quase sempre com motivos regionais”, como refere Rui Carita em, *Funchal 500 anos de Historia*. Alguns destes produtos, decorrentes de marcenaria, confeção de chapéus de palha e botas de vilão, marcaram presença na exposição Universal de Londres, em 1852 (Carita, 2008:122).

2.1.1.7 - O Turismo e a Hotelaria

O Turismo, definido pela Organização Mundial de Turismo como “a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outsider their usual environment for personal or business/professional purposes”, leva-nos a pensar em todas as suas implicações na Ilha da Madeira.

⁴⁶ Eberhard Axel Wilhelm, *As Casas Alemães de bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnizer*, in *Islenha 7*, Dezembro de 1990.

A localização geográfica da Madeira no Atlântico, não só como lugar privilegiado para o abastecimento de navios mas também para as ligações comerciais, primeiro com o açúcar e depois com o vinho Madeira, a diversidade de fauna e flora que segundo Rui Carita tornara a Madeira no “Paraíso dos naturalistas”⁴⁷, o clima ameno ao longo do ano cativaram os ilustres visitantes e médicos. As suas qualidades contribuíram, assim, para a divulgação de terapias pulmonares recomendando a ilha para a cura da tuberculose e assinalando o início de uma nova fonte de receita no Funchal que viria a prosperar na Ilha da Madeira e Porto Santo.

Este carácter da cidade avulta aos primeiros passos dados no interior dela. O viajante cruza-se a cada momento com certas figuras pálidas, emaciadas, pensativas, marchando lentamente, ou transportadas em redes, encontra-as nos assentos dos passeios em ociosa meditação, ou fitando melancolicamente as ondas que se sucedem na praia; são ingleses cadavéricos, alemães diáfanos, portugueses descarnados, brasileiros, norte-americanos, russos; são velhos, adultos, crianças, vaporosas belezas femininas de toda a parte do mundo, todos a convencer-nos de que estamos na *cittá dolente*, mas no pórtico desta não se lê gravado o dístico desesperador que o poeta inscreveu no da região das tormentas eternas. Pelo contrário, à entrada aqui revestem-se de esperança os próprios condenados ⁴⁸.

Por outro lado, o impedimento imposto no decorrer das guerras liberais na Europa, ao sul de França, à Itália e à Grécia, lugares até então procurados para convalescença, juntamente com as publicações que circulavam na Europa e América, viria a favorecer o espaço madeirense.

Algumas Publicações sobre a Madeira no Estrangeiro no Século XIX

Ano	Cidade/País	Títulos – Autor – Legendas
1801	Londres	<i>A guide to Madeira containing a short account of Funchal</i> (opúsculo/folheto)
1827	Londres	<i>Views in the Madeiras</i> – Rev. James Bulwer (álbum de gravura- litografias)
1840	Londres	<i>Madeira Illustrated with a description of the island</i> – gravura litografadas por Andrew Picken
1843	Londres	<i>Recollections of Madeira</i> , album de gravuras de Pitt Springett
1850	Nova York	<i>A winter in Madeira and a Summer in Spain and Florence</i> livro de John A. Dix (parece que se tratou de um visita em 1842)
1850	Londres	<i>Sketches in the Island of Madeira</i> de Frank Dillon, álbum de gravuras
1851	Londres	<i>A Sketches containing information for the Traveller or Invalid visitor</i> de Edward Vernon Harcourt – livro com gravura de álbum de gravura de Susan Vernon Harcourt <i>Sketches in Madeira</i>

⁴⁷ Rui Carita, em *Funchal 500 anos de História*, 2008:93-97

⁴⁸Excerto de uma carta que Júlio Dinis escreveu a José Pedro da Costa Bastos, no decorrer da sua segunda visita ao Funchal, extraído de <http://bmfunchal.blogs.sapo.pt/>, (acedido em 04-02-2014).

1854	Londres	<i>A visit to Portugal and Madeira</i> , Lady Emmeline Stuart Wortley
1853		<i>Journal of a Visit to Madeira and Portugal</i> - Impressões e aguarelas de uma inglesa, Isabella de França, esposa de um descendente da Madeira
1853	Düsseldorf	Álbum de gravuras de norueguês J. F. Eckersberg
1856	Nova York	<i>Sketches and Adventures in Madeira, Portugal and the Andalusias of Spain</i> - Charles W. March, sobrinho de John Howard March, do cônsul dos Estados Unidos
1857	Viena	<i>Reise der Oesterreichischen Fregatte Novara um die Erde in den Jahren 1857, 1858, 1859 unter den Befehlen des Commodore B. vom Wüllerrstorf-Urbain</i> – Karl Heinrich von Scherzer
1857	Edimburgo	<i>Madeira its a Climat and Scenery</i> – Robert White
1858	Russia	<i>The Frigate Pallada</i> – Ivan Goncharov, diplomata russo
1858	Viena	<i>Un Hiver à Madère</i> – Maria Carlota, princesa da Belgica, esposa do Arquiduque da Austria Ferdinand Joseph Maximilian
1880	Londres	<i>Facts about Port and Madeira</i> – Henry Vizetelly
1882	Londres	<i>Madeira – Its Scenery and how to see it.</i> – Ellen M. Taylor

Guerra,2010

A presença contínua de embarcações na baía funchalense e de forasteiros na ilha tornaria imperativo a existência de acomodações.

Os tratamentos à tuberculose careciam de uma permanência prolongada; nesse contexto, despontaria a procura de habitação temporária, que viria a se tornar num negócio indispensável, lucrativo e cada vez mais procurado. Rui Campos Matos, em “Os Primeiros Hotéis do Funchal. Pequeno contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica”, artigo publicado na *Islenha*, e com base nas publicações estrangeiras atrás referidas, cita que “Para acolher esses primeiros fluxos «turísticos», maioritariamente constituídos por enfermos e seus acompanhantes surgiram na ilha três tipologias arquitetónicas: as quintas de aluguer (vulgarmente conhecidas por quintas madeirenses), os sanatórios e os hotéis”⁴⁹, a que acresce uma breve descrição:

«family houses», «family hotels», e «boarding houses». As «family houses», quase sempre situadas na periferia da cidade, correspondem ao que designamos com quintas de aluguer; no que respeita às duas restantes categorias, distinguem-se apenas pelo serviço de refeições: nos «family hotels» estas eram servidas ao hóspede e à sua família separadamente, enquanto nas «boarding houses» havia uma sala de refeições comum, onde todos os hóspedes almoçavam e jantavam.

(Matos,2010:70)

⁴⁹ Rui Campos Matos, “Os Primeiros Hotéis do Funchal. Pequeno contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica”, in *Islenha* n.º 47 em Dezembro de 2010, p.69-94.

Foi justamente nessas quintas e hospedagens que ficaram alojados aristocratas, escritores, naturalistas, médicos, pintores, alguns dos notáveis que visitaram a Ilha, no decorrer da segunda metade do século XIX: a Imperatriz D. Amélia, a princesa D. Maria Amélia em 1852, os Arquidukes da Áustria, Maximiliano de Habsburgo e Carlota Saxe, em 1857, a Imperatriz Elisabeth da Áustria, mais conhecida por Sissi, em 1860, o escritor Júlio Dinis, entre 1869 e 1871, em três períodos distintos e, onde escreveu a maior parte do romance *Os fidalgos da Casa Mourisca*, o notável médico e investigador Paul Langerhans⁵⁰, que chegara em 1874, tendo aí fixado residência. Em 1888, seria a vez do marquês de Albizzi, que se notabilizou na escrita de “roteiros de viagens” e o escritor António Nobre, em 1898.

Pese embora a existência de alojamentos hoteleiros, o aumento de visitantes desencadearia, a exemplo de outros países, a construção de habitações para responder às necessidades dos indivíduos de diversos estratos sociais. A questão hoteleira na Madeira esteve desde sempre associada à família Reid que cientes das necessidades da ilha criaram as acomodações indispensáveis à estada dos visitantes, inicialmente com a remodelação de Quintas e Casas já existentes, para posteriormente criar de raiz os seus empreendimentos hoteleiros.

Próximo do final do século XIX, a família Reid já possuidora de hotéis no Funchal daria início à formação da hospedagem moderna com a construção “o Reid’s New Hotel”⁵¹. De acordo com informações recolhidas de testemunhos de estrangeiros, o comércio hoteleiro esteve centralizado na família Reid’s, já que terão sido as suas instalações as mais procuradas.

⁵⁰ Cientista alemão responsável pela descoberta das células Langerhans (ativadoras do sistema imunitário). Viveu na Madeira entre 1876 e 1888, ano em que faleceu. Nesta quinta passou os últimos dois anos. Björn M Hausen, “Paul Langerhans and the Islands”, uma tradução de Luis Marques, in *Islenha 7*, em Dezembro de 1990, p. 22,23).

⁵¹Rui Campos Matos, “Os primeiros Hotéis do Funchal. Pequeno contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica” in *Islenha 47*, em Dezembro de 2010, 69-94.



Figura 13 - Hotel Reid's Palace (Madeira Quase Esquecida)



Figura 14 - Hotel Savoy, Funchal (Madeira Quase Esquecida)

“Os Passos encontravam-se hospedados no Reid's Hotel, o melhor dos palaces da Madeira”
(Helena Marques, UC:183)

Na última década do século XIX, William Reid era detentor da maioria dos hotéis existentes na Madeira, entre eles «Reid's Santa Clara Hotel», «Royal Edinburg Hotel», «German Hotel», «Miles Carmo Hotel», atualmente demolidos e ainda do famoso «Reid's Palace Hotel» dos nossos dias⁵².

De forma gradual, e ao mesmo tempo que começa a ganhar algum desenvolvimento do qual nos ocuparemos no capítulo seguinte, a Madeira estreia uma nova vertente turística. Passa a ser cada vez mais procurada como estância de lazer, de descanso, acolhendo cada vez mais turistas ávidos de aventura, de novas descobertas, de encantos, de tudo aquilo que tinham visto publicado nos livros.

Embora vítima de retrocessos, sobretudo após as invasões germânicas, aquando da Primeira Guerra Mundial, períodos em que a baía do Funchal se vira despida de navios e de turistas em benefício de outras estâncias, o turismo da Madeira retoma a confiança dos visitantes, ganhando posição e mantendo um mercado ativo que chegaria, pujante, ao século XXI.

⁵² Rui Campos de Matos, “Os Primeiros Hotéis do Funchal. Pequeno contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica” in *Islenha* 47, Dezembro de 2010.

Dados estatísticos dos Portos da Madeira, disponíveis no sítio da Internet <http://www.portosdamadeira.com>, aponta a passagem de duzentos e oitenta e oito navios de cruzeiro pelo Porto do Funchal, movimentando um total de quatrocentos e oitenta e um mil, seiscentos e três passageiros. Convém, todavia, destacar que após a construção do aeroporto, o maior movimento de turistas na Madeira regista-se por via aérea.

A construção hoteleira multiplica-se entre os comerciantes do ramo, gerando emprego e riqueza na Região Autónoma da Madeira. Em prol do turismo, o arquipélago da Madeira, com maior incidência no Funchal, ganha um novo ritmo, uma nova vida. Desenvolveram-se inúmeras infraestruturas para melhor atender e agradar o turista, vindo também abeneficiar os residentes insulares. Referimo-nos à melhoria dos acessos, com o aumento das ligações áreas, marítimas e terrestres, vias de comunicação, abertura de novas estradas, aumento e variedade na área do comércio e restauração, saúde, educação, entre outros. No campo da cultura, a diversão e o entretenimento são promovidos em número variado de eventos, permitindo facilidades no contato com outras culturas, línguas povos e, por conseguinte, partilha de conhecimentos.

Hoje, volvidos mais de um século, o turismo que se iniciou graças às terapias pulmonares evoluiu para o turismo atual, viabilizando o seu crescimento económico, social e cultural assim como o de muitas famílias que dependem desse nicho de mercado.



Figura 15 - Apelo ao voto pela Madeira como melhor destino Turístico (www.visitmadeira.pt)

Parte III

3. A Sociedade Madeirense

3.1. A Sociedade Madeirense - primeiros passos do seu desenvolvimento

Conquanto as dificuldades que o Arquipélago atravessaria, foi a partir de meados do século XIX que começa a emergir, em especial no Funchal, várias infraestruturas fundamentais ao melhoramento da qualidade de vida das populações bem como ao desenvolvimento da cidade, tendo em vista sobretudo o turismo, um mercado em franco crescimento. O empreendedorismo do governador José Silvestre Ribeiro⁵³, aquando da sua permanência na Madeira, foi de extrema importância sendo mencionado por Rui Carita como impulsionador da evolução madeirense: “O governador José Silvestre Ribeiro foi o primeiro a tentar sensibilizar as forças vivas do Funchal para potencialidades da cidade como zona de lazer internacional, restaurando alguns monumentos e zelando pela limpeza geral da cidade” (Carita, 2008:106).

Não obstante os sérios problemas que assolaram o arquipélago, foi graças ao governador José Silvestre Ribeiro que em 1846 foram inaugurados os primeiros três postes de iluminação pública alimentados por azeite (Guerra, 2010:170). Não satisfeito, coagiu os comerciantes sobre a necessidade da aluminação, tendo conseguido rapidamente multiplicar o número de candeeiros.

⁵³ José Silvestre Ribeiro, Conselheiro, natural de Idanha-a-Nova onde nasceu em 1806, formado em direito, foi Secretário-geral, Governador Civil, Par do Reino, conselheiro do Estado. Chegou à Madeira em 1846, com o objetivo de averiguar a situação insular, tendo sido logo nomeado Governador Civil da Madeira. Segundo o *Elucidário Madeirense*, foi o mais ilustre governador deste distrito e aquele a quem esta terra deve uma soma de mais assinalados serviços e actos da mais alta acendrada benemerência. É a verdade quase axiomática, que dispensa demonstrações” (Silva e Meneses, Vol III, 1978:368).

Com a sua perseverança e influência estimulou alguns ilustres visitantes a cooperar no desenvolvimento da cidade, conseguindo dessa forma ajudas monetárias para edificações que pretendia levar a efeito de entre as quais se poderá destacar a Ponte do Ribeiro Seco, situada na estrada Monumental, parcialmente subsidiada pela Rainha Adelaide de Inglaterra. Acresce o Hospício da Princesa D. Amélia, construído em sua memória, por ordem de sua mãe, Imperatriz do Brasil (Carita, 2008:106).

Todavia, os indícios de maior impacto do desenvolvimento do arquipélago surgiriam a partir do último quartel oitocentista, época em que começavam a ser dados os grandes passos para o progresso regional e, assim, para uma maior abertura ao mundo.

A 26 de Setembro de 1874, a Madeira liga-se ao Continente português através de um desejado cabo submarino:

No dia 24 de Setembro trocaram-se particularmente alguns telegramas com a capital, mas o serviço público começou a 26, tendo nesse dia sido dirigido o primeiro despacho telegráfico ao Rei D. Luiz I. O primeiro telegrama recebido nesta cidade foi o do monarca português ao governador civil do distrito, congratulando-se com a realização de tão importante melhoramento.

Nesse dia realizaram-se diversas demonstrações de regozijo, havendo brilhante iluminação na entrada da cidade e antiga praça da constituição, musicas, fogo de artifício, etc.

(Silva, e Menezes, 1978:350)

As ligações via cabo submarino não se ficariam por aí. Jorge Valdemar Guerra refere da existência da celebração “de um contrato com a *Eastern Telegraph Company* para o lançamento e exploração de um cabo submarino entre a Inglaterra e a África do Sul, passando pela Madeira”, em 1900, dando assim continuidade às comunicações que se desenvolveram ao longo dos tempos. Um facto a que Helena Marques não é alheia, ao fazer referência à instalação do telégrafo em *O Último Cais*.

“A Instalação do telégrafo por cabo sub-marino fora um acontecimento tão relevante que, cinco anos decorridos, ainda constituía matéria noticiosa. Com efeito, cada telegrama chegado à ilha, reservado o seu conteúdo, era informação obrigatória de primeira

página dos jornais. Os Madeirenses amavam o telégrafo com o mesmo sentido de sobrevivência com que amavam os navios”.

(Helena Marques, UC,22)

Em 5 de Outubro de 1911 é inaugurada a rede telefónica do Funchal, na torre do edifício da Câmara Municipal do Funchal, disponibilizada para o efeito, em 1908. Anos mais tarde, e por iniciativa da edilidade funchalense, foi proposto ao governo a extensão da rede a toda ilha.⁵⁴

Após vários entraves políticos e financeiros, a cidade do Funchal receberia finalmente a tão pretendida rede de distribuição de água e canalização de esgoto. Os irmãos Trigo (Adriano e Aníbal), engenheiros envolvidos em inúmeras obras na Ilha, foram os responsáveis pela execução desse projeto de saneamento do Funchal.⁵⁵

O crescente aumento populacional da cidade determinou a elaboração de um “Plano de Melhoramentos” levado a efeito pelo Arquitecto Ventura Terra que propunha uma enorme reorganização do Funchal⁵⁶, desenvolvida em três etapas. Uma primeira fase contemplaria as necessidades da época e segunda a preparação da cidade para receber as gerações seguintes. Por fim, o “Plano Geral de Melhoramentos” “que habilitaria a proceder metodicamente ao seu crescimento urbanístico” (Carita, 2008:138).

⁵⁴*Elucidário Madeirense*, vol. III, 1978, p. 620.

⁵⁵*Elucidário Madeirense*, vol. III, 1978, p.376, e Jorge Valdemar Guerra em, *Funchal 500 anos: Monumentos e Documentos da História da Nossa Cidade*, 2010, p.185-186.

⁵⁶*Elucidário Madeirense*, vol. III,1978, p.356, e Jorge Valdemar Guerra em, *Funchal 500 anos: Monumentos e Documentos da História da Nossa Cidade*, 2010, p.192.



Figura 16 - Mapa do Plano Ventura Terra (Teresa Vasconcelos – Plano Ventura Terra)

De entre as inúmeras alterações salientamos a entrada da cidade, o largo da Sé e as estradas que ladeiam a ribeira de Santa Luzia, “avenidas centrais”⁵⁷, hoje designadas por Rua 31 de Janeiro e Rua 5 de Outubro.

No campo dos transportes, o ano de 1893 viria marcar o arranque da construção do caminho-de-ferro do Monte, executado em diversas fases, cuja conclusão no Terreiro da Luta se deu em 1912. No término do percurso foi também construído um restaurante (Guerra, 2010:184 e 190). A entrada em funcionamento desse novo meio de transporte veio a encurtar a distância e facilitar a deslocação entre a cidade e a zona predileta da sociedade funchalense para férias ou simplesmente para fuga às elevadas temperaturas de Verão. Por outro lado, com o desenvolvimento do turismo, o Monte tornara-se num importante ponto turístico merecendo a aposta numa aliciante rede de transporte.



do caminho-de-ferro em 16 de Julho de 1893.

Figura 17 - Viagem de Inauguração do 1.º troço

⁵⁷ Designação atribuída por Ventura Terra, in Rui Carita, *Funchal 500 Anos de História*, 2008, p.55.



Figura 18 - Terreiro da Luta - Fim do troço do caminho-de-ferro - 1919.

Um lugar do real fátual a que Helena Marques recorre para cenário dos seus livros de que *O Bazar Alemão* pode ser exemplo:

“ um bilhete de comboio no bolso para subirem até ao Terreiro da Luta. Katherine estará no jardim a recebê-los, em vagas sucessivas, a indicar-lhes as varandas, as janelas, os terraços, todos os vastos espaços que os esperam no Restaurante Beveder, naquele pequeno planalto coberto de denso pinhais, a 850 metros de altitude, para contemplarem um dos mais belos panoramas do mundo: a cidade do Funchal”

(Helena Marques, BA,75)

Contudo, a crise económica que assolava a Europa, a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial ao lado da Inglaterra e os bombardeamentos germânicos ao Funchal, forçaram o afastamento de turistas no porto do Funchal. Estes fatores, em conjunto com o acidente ocorrido com a explosão da caldeira da locomotiva em 1919, determinaria o fim deste transporte na Madeira pelo menos até aos nossos dias.

Existia também, a locomotiva, designada por «Carro Americano», uma pequena uma carruagem puxada por cavalos que se deslocava sobre um trilho, e fazia a ligação entre a Praça da Constituição e a estação do Pombal.



Figura 19 - Carruagem Americana (*Museu Vicentes*)

A acentuada orografia da ilha da Madeira canalizara a atenções para dar início à construção de levadas que permitiram levar a água aos terrenos agrícolas, de forma a apoiar os agricultores. Para encurtar as distâncias entre as localidades, rasgaram-se acessos terrestres e construíram-se desembarcadouros em diversos lugares à volta da ilha da Madeira de modo a reduzir o isolamento das populações e a facilitar o acesso e escoamento de produtos, sobretudo alimentares.

A agricultura madeirense esteve sempre dependente dos sistemas de irrigação e distribuição de água de rega. A construção das levadas e capacidade de retenção, tornou-se indispensável para o crescimento agrícola e ao sustento das populações, no sul da Ilha da Madeira, em especial nos períodos de poucas chuvas (Câmara, 2002:34).

Durante as primeiras duas décadas do século XX, foram construídos cais em várias localidades da ilha: Machico, Caniçal, Porto da Cruz, Faial, Campanário, Ribeira Brava, Seixal e Porto Moniz, que permitiam uma ancoragem de barcos a vapor, de forma a

possibilitar uma maior aproximação da população bem como uma melhor distribuição de produtos e melhores acessos aos visitantes⁵⁸.



Figura 20 - Turistas alemães no Funchal em,1882. (Rui Carita - Curso de História da Madeira - CD)



Figura 21 - Carro de Bois no transporte de mercadorias (Museu Vicentes)



Figura 22 - Passeio em "rede" início do séc. XX (Museu - Vicentes)

O mesmo fascínio da chegada à Madeira acompanharia os residentes e forasteiros nas caminhadas pela ilha. O meio de transporte evoluiu ao longo dos tempos, com a construção de estradas que permitia a utilização de automóveis. Todavia, o acesso ao interior da ilha continuaria a ser realizado a pé, em alguns casos, a cavalo e na maioria das vezes em redes ou em carro de bois quando o trilho assim o permitia (Figuras, 20, 21 e 22). É um desses

⁵⁸ *Elucidário Madeirense* vol. III 186-187, corroborado por Benedita Câmara em *A Economia da Ilha*, 2002, p. 43,44.

meios de transporte existentes na ilha entre finais de XIX e início de XX, que Helena Marques homenageia em *O Último Cais*:

Forma-se o cortejo a caminho da casa do Vale Formoso [...]. Os Carros arrastam-se vagorosamente, são uma curiosa variante de trenós com caixa de vimes fechada por cima e aberta aos lados, os boieiros vestidos de linho branco incitam os animais na subida íngreme para Santa Luzia.

(Helena Marques, UC:127-133)

Foi através de Henry Harvey Foster, de nacionalidade inglesa, que surgiu o primeiro automóvel a surgir no meio madeirense em 1905 (figura 23). A falta de vias que permitisse a sua circulação, tornaria inviável a sua permanência na ilha.

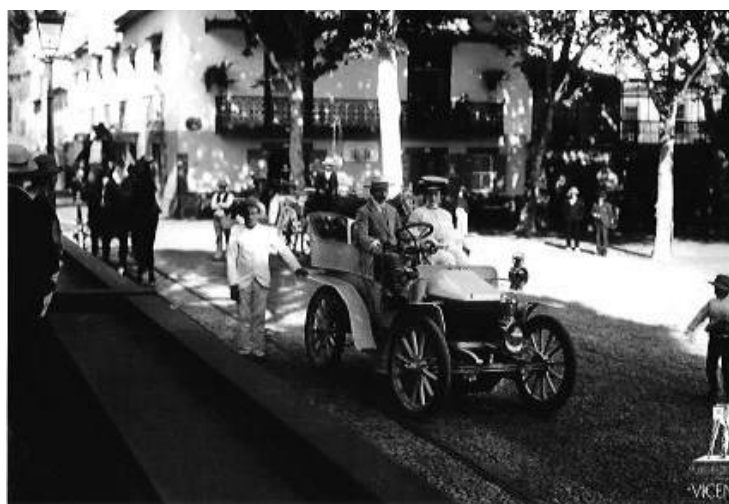


Figura 23 - Primeira Viatura a circular no Funchal (Museu Vicentes)

Anos mais tarde é fundada a Empresa Madeirense de Automóveis que desencadeia a importação de veículos, embora numa fase inicial os percursos automóveis ficassem restritos a curtas distâncias devido à inexistência de estradas. Só pouco a pouco foram alcançando montanhas e vales, deixando os transportes tradicionais reservados essencialmente para passeios a turistas.

Com o avançar dos anos sucederam-se diversos melhoramentos em edifícios e construção de outros de utilidade pública. Destaca-se também a abertura e o calçamento de arruamentos, estradas e pontes, bem como a criação e ampliação de jardins e praças.

No decorrer dos anos vinte do século XX, Gago Coutinho e Sacadura Cabral experimentaram uma viagem aérea até à Madeira. No entanto, seria necessário esperar até meados da segunda metade do século XX para que esse transporte se tornasse viável. Até lá, chegar às ilhas do arquipélago da Madeira ou sair delas, tinha como único meio disponível os navios, que proporcionavam panoramas magníficos aos viajantes, imortalizados através da escrita, pintura e fotografia.

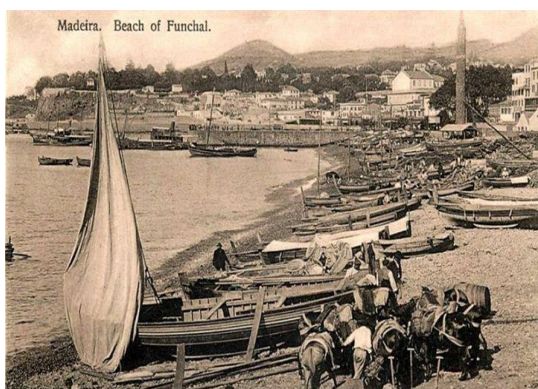


Figura 24 - Bilhete-postal da praia do Funchal em 1900 (Madeira Quase Esquecida)

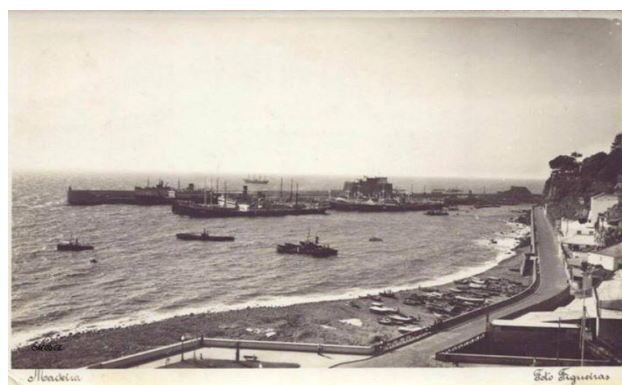


Figura 25 - Porto do Funchal, anos 40 do séc. XX (Madeira quase Esquecida)

“ Dia de navio era dia de festa. E ir ao porto, mesmo sem pretexto de partida ou chegada, significava muito mais do que o gesto mundano, era um acto social. Implicava encontro e convívio, nostalgia do desconhecido e desejo de viajar, ténue inquietação pela estrada interrompida e reconfortante certeza de que o resto da terra, afinal, não esquecerá a Madeira nem a negligenciara.”

(Helena Marques, UC, 22)

O constante aumento de visitantes coagiu os governantes a acelerar o processo de construção de um porto para o qual já havia projeto, mas que a falta de meios e os estragos provocados pelos temporais impediam o avanço.

3.1.1. - Educação e cultura

Na educação, e apesar da elevada taxa de analfabetismo sobretudo nas zonas rurais, devido às árduas dificuldades económicas das famílias que contavam com a colaboração dos mais pequenos para as tarefas ligeiras, podemos constatar através do *Elucidário Madeirense* que a partir da “restauração do governo constitucional, em 1834”, foram construídas em todo o arquipélago de forma gradual escolas públicas para o ensino primário de maneira a viabilizar o livre acesso ao ensino, que havia sido restrito, durante a vigência do governo absolutista (Silva e Menezes 1978, 777, 778). A mesma fonte refere o aumento de escolas privadas nessa época.

A Escola Elementar do Comércio, Escola de Utilidades e Belas Artes, Escola Industrial, Escola Primária Superior e o Liceu do Funchal (Silva e Menezes, Vol. I:1978:397-404) foram também responsáveis pela educação e formação na Madeira. Este último, a atual Escola Secundária de Jaime Moniz, iniciou funções em Outubro de 1837, tendo estado alojado em diversos prédios no Funchal, entre eles, as “antigas Aulas do Pátio”, propriedade do colégio dos Jesuítas, o edifício do antigo Paço Episcopal, atual Museu de Arte Sacra, sito à rua do Bispo. Em 1942, é transferido para o Largo de Jaime Moniz e recebe como casa o Antigo Hospital Militar.

Entre 1837 e 1910, houve também no Funchal anexo ao Hospital da Misericórdia, a escola Médico-cirúrgica, responsável pelo ensino e preparação de vários médicos.

«Mil oitocentos e oitenta foi um ano muito marcante na minha vida (Catarina Isabel). Entrei na Escola Médica»
[...] «Matriculei-me na Escola Médica».
A novidade, a sua enorme ousadia, nunca houvera uma mulher médica na Madeira”
(Helena Marques, UC, 121-122)

As famílias com maior estabilidade económica tinham, por tradição, mandar os filhos estudar para fora da ilha e em alguns casos no estrangeiro, um facto que não passou despercebido a Helena Marques:

“Sai da livraria e continua a subir Charing Cross Road. Gosta de caminhar pelo bulício de Londres, sobretudo nesta época em que o ano letivo se aproxima do fim. E a pressão dos exames começa a abandar e pode saborear o gosto raro de um pequeno passeio libertador de tensões”.

(Helena Marques, BA, 45)

O ensino particular foi muito frequente, um facto que Helena Marques transporta para os seus livros, de que é exemplo *O Último Cais*.

«Maria e eu daremos aulas de francês, de música, canto, dança, pintura, pirogravura, rendas e bordados» (...) inúmeras disciplinas têm ensinado ao longo dos anos, da dedicação que põem em tudo, sejam os bordados ou na música, sejam na pintura, na dança ou o francês”

(Helena Marques, UC,71-72)

A introdução do piano na vida social e familiar despertaria nos madeirenses o gosto pela música e uma maior participação da mulher na vida social, visto terem sido as que mais se interessaram no manuseamento deste instrumento. Acresce o facto de terem uma maior disponibilidade para a sua aprendizagem. A presença prolongada de estrangeiros, sobretudo ingleses, tradicionalmente grandes apreciadores das melodias provocadas pelas teclas, que na vinda para a ilha carregaram na bagagem o instrumento indispensável na ocupação dos tempos livres, contribuiu para uma maior promoção no meio madeirense.

“Clarinha recebia então as primeiras lições de dança e piano”.

(Helena Marques, UC,162)

Por outro lado, segundo Paulo Esteireiro, num documento publicado na revista *Islenha*, em Dezembro de 2010, “a dinamização musical dos salões privados através da execução de peças musicais ao piano era principalmente função das mulheres”⁵⁹. O piano viria também garantir uma amplitude do espaço de manobra permitido no meio feminino da época.⁶⁰

O acesso à leitura estava de certa forma facilitado. Existia uma variedade de jornais regionais, de carácter político, literário e de simples divertimento⁶¹. Havia ainda independentes, como o caso do *Diário de Notícias*, que se estreou com publicações diárias em 11 de Outubro de 1876 e que se mantem até aos nossos dias. As associações e clubes que existiam na cidade mantinham, segundo Rui Carita, “pequenas bibliotecas e salas de leitura, pelo menos desde meados ou finais do século XVIII e os inícios de XIX”⁶². O mesmo se passava nas hospedarias e habitações que recebiam estrangeiros para distração dos hóspedes. Nestes sítios eram também frequentes os jornais nacionais e estrangeiros⁶³.

No Funchal, porém, nesta cidade amena e amável, o calendário social mantinha o ritmo de sempre, como se não existisse mundo para além do mar.

(Helena Marques, BA, 149)

A vida social madeirense desenvolvia-se na sua maioria em circuitos restritos a determinado estrato social, económico, político, cultural e desportivo, em clubes e associações que se estreariam em maior número no decorrer do século XIX. Dessa época, citamos os de maior impacto na vida social madeirense: o *British Country Club*, (fig. XX) e *The English Reading Rooms*, fundado nos anos 830 pela colónia Inglesa, funcionou durante cerca de 150 anos no espaço hoje designado por Quinta Magnólia. O *Clube Funchalense*, inaugurado na mesma década, manteve-se em atividade até finais do mesmo século, dividindo o domicílio entre a

⁵⁹ Paulo Esteireiro, “Difusão e Efeitos do Piano na Vida Cultural Madeirense do Século XIX”, in *Islenha* 47, Dezembro de 2010.

⁶⁰ Segundo Paulo Esteireiro, “O espaço doméstico era o lugar próprio das mulheres e o local de segurança onde se deviam manter, não devendo estas sequer realizar viagens sem a companhia de um homem das suas famílias e estando as suas saídas normais limitadas a visitas a outras casas” Paulo Esteiro, “Difusão e Efeitos do Piano na Vida Cultural Madeirense no Século XIX”, in *Islenha* 47, em Dezembro de 2010.

⁶¹ Rui Carita, *Curso de História e Cultura da Madeira*, 2008, CD

⁶² *Ibidem*

⁶³ *Ibidem*

rua do Carmo e a rua dos Ferreiros. Este último, conforme citado pelo *Elucidário Madeirense*, seria muito frequentado e disputado pela sociedade da época, não só pelas festas e espetáculos, mas também pelo aparato e fulgor (Silva e Meneses, 1978:544, 545).

“«Vamos ao baile do Clube Funchalense, no Sábado?»
«[...] É o baile de beneficência [...]»
(Helena Marques, UC, 120)



Figura 26 - *British Country Club*, atual Quinta Magnólia
(Madeira Quase Esquecida)

Os artistas que viajavam nos navios ancorados na baía funchalense possibilitaram organização de concertos e espetáculos quer em espaços públicos ou privados. O mesmo acontecia com as bandas militares, ou agrupamentos musicais, que não escapavam ao preceito de planear as suas atuações musicais que por norma ocorriam em espaço públicos.

“A banda dos Lanceiros 12 dava concerto na Praça da
Constituição”
(Helena Marques, UC, 121)

(excertos de jornais de 2 épocas XIX e XX)

“Por vezes, entravam no porto do Funchal navios de guerra ou, até, grandes esquadras, e era frequente que as respetivas bandas de música viessem a terra dar concerto, no Jardim de São Francisco ...”
(Helena Marques, BA, 118)

Próximo do fim do século XIX, e apesar de duras críticas face à época de profunda crise, é inaugurado o tão reclamado espaço com condições para espetáculos e concertos, o atual Teatro Municipal Baltazar Dias. Fundado em 1888, foi batizado com o nome de “Teatro D. Maria Pia” (Carita, 1989). Mandado erguer pelo então presidente da Câmara, João Sauvaire da Câmara, o projeto de construção foi da responsabilidade do Eng. Soler, e as pinturas e decoração de Eugénio Cotrim e de Luigi Manimi. Em 1910, é denominado de “Teatro Dr. Manuel Arriaga”, denominação essa que por recusa do próprio expressa por ofício, foi corrigida, vindo após a sua morte a recuperar o mesmo nome⁶⁴. Em 1935, recebe a designação de Teatro Baltazar Dias, por proposta do presidente da Câmara em exercício, Dr. Fernão de Ornelas, com o objetivo de venerar o grande poeta madeirense, figura nacional do teatro popular Baltazar Dias (Carita, 1989:(s/p)).

3.1.2 - A Influência estrangeira

A Ilha hoje é um paraíso inglês
de orquídeas e renques de orvalhados
Mister X e a cana-de-açúcar
Mister Y, bancos, luz, bordados.⁶⁵

Como já foi referido, os atributos naturais da Madeira, tais como a sua localização geográfica, clima e beleza, e interesses comerciais, muito devido ao vinho Madeira, fez convergir para o arquipélago estrangeiros oriundos de diversas nacionalidades, na sua maioria britânicos tal como afirma Helena Marques nos romances a que recorremos para o nosso trabalho e em entrevistas a matutinos madeirenses e nacionais; *Diário de Notícias da Madeira*, (anexo 4 e 5) *Diário de Notícias de Lisboa*, *Jornal das Letras* (anexo 6), *Público* entre outros.

⁶⁴ Pa Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses Silva, em *Elucidário Madeirense*, Vol. III. 1978:348, corroborado por Rui Carita, em *100 anos dos Bombeiros Municipais*, 1989:(s/p).

⁶⁵ Poema de Carlos Oliveira, em *Uma perspetiva da História da Madeira*, de Rui Nepomuceno, 2003, p. 222

Desde sempre, a Ilha tem vindo a receber visitantes de todo o mundo. A acresce à sua localização privilegiada na imensidão do Atlântico, os interesses comerciais, num primeiro momento com o açúcar e o vinho madeira, seguido dos proveitos políticos e sociais. A reputação do açúcar e do vinho produzidos na Madeira cativaria cada um na sua era comerciantes de todo o mundo. O *Elucidário Madeirense* aponta para a existência de vinte e cinco consulados⁶⁶ e por via desse comércio, sobretudo com a Flandres. Dessa época permanecem no acervo do arquipélago peças de elevado valor.

Atraídos por um comércio em franca expansão, convergiram para o região insular viajantes de distintas nacionalidades, tais como espanhóis, belgas, franceses, alemães, russos, austríacos, britânicos, italianos, suíços e americanos. Na bagagem transportaram hábitos, costumes, tradições, crenças, culturas, conhecimentos, um conjunto de elementos com os quais se identificavam e identificava a terra natal de onde provinham e dariam início à construção da sua fonte de riqueza.

As ligações diplomáticas existentes entre Portugal e a Grã-Bretanha e os privilégios concedidos aos britânicos residentes no espaço insular terão dado origem a uma grande e poderosa comunidade, ao ponto de no início do século XIX a Madeira ter sido considerada uma colónia britânica. Numa primeira fase, entre Julho de 1801 e Janeiro de 1802, em governação repartida com a coroa portuguesa, sob o pretexto de uma maior proteção, e numa segunda fase, entre 1807 e 1814, com domínio completo. Nesta segunda fase registar-se-ia uma subida do número de emigrantes britânicos na ilha, na sua maioria comerciantes.

A sua forte representatividade justificaria a edificação de um conjunto de estruturas com características tipicamente britânicas para um maior conforto dessa comunidade. Foram, erguidas escolas para a educação dos seus filhos, igrejas para veneração do culto, cemitério para sepultar e chorar os seus mortos, lojas comerciais para venda de produtos vindos da Grã-Bretanha, clubes para organização de encontros sociais e culturais. A disponibilização de condições de vida idênticas aquelas que tinham no seu país natal tinha como objetivo

⁶⁶Pa Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses Silva, em *Elucidário Madeirense*, Vol. III. 1978:348, Vol. I, 1978, p. 306.

proporcionar uma melhor adaptação bem como estender à Madeira um pouco do país que deixaram para trás. O acesso a indivíduos não britânicos em alguns dos locais atrás referidos só era possível mediante autorização dos membros do grupo.⁶⁷

“Fora nessa agitada segunda metade do século XVIII que também haviam chegado ao Funchal os primeiros ingleses, esses que dariam origem a verdadeiras dinastias de madeirenses-britânicos ou britânicos-madeirenses, fieis às suas duas ilhas, a das brumas e a do sol. Com eles, o chá que Catarina de Bragança levava para Londres no bragal de noiva, cem anos antes, regressou a terras portuguesas como hábito e prática diários. Trouxeram também tradições e estilo de vida, a high church e os garden-parties, e um incomparável sentido do home, de casa, que os levou a criar os mais agradáveis e confortáveis interiores no meio dos mais belos jardins e dos mais perfeitos e invejados relvados. Chegaram, instalaram-se, laçaram raízes e empresas e muitos se distinguiram, pelo futuro fora, como comerciantes de vinho e ship-chandlers, banqueiros, hoteleiros, pioneiros de turismo, construtores navais, criadores e exportadores de bordados, agentes de navegação, introdutores de futebol, do ténis e do golfe.”

(Helena Marques, UC, 24-25)

O número de famílias forasteiras residentes na ilha justificaria a inclusão da língua estrangeira nas fachadas das lojas comerciais, com maior incidência da língua inglesa como forma de atrair clientes e, em alguns casos identificar o seu proprietário.

O mesmo acontecera com os jornais madeirenses em que se tornara comum a publicidade e avisos/comunicados em inglês. Esta tendência refletir-se-ia no *Jornal Herald*, com a publicação de edições completas em inglês.

⁶⁷ José de Saint-Trueva, “Heráldica de apelidos estrangeiros na ilha da Madeira”, in *Islenha* 18 junho de 1996, p.110.



Figura 27 - Lojas no Funchal com letreiros em língua estrangeira (Luísa Bettencourt - *Malha Urbana*)



Figura 28 - Lojas no Funchal com letreiros em língua estrangeira (Luísa Bettencourt - *Malha Urbana*)

O caso da circulação de moeda estrangeira, também pelo mesmo motivo, era utilizada de forma livre até 1879, época em que passou a ser interdita. (Silva e Meneses, 1978: 668).

Jorge Guerra, na sua cronologia anexada ao livro, *Funchal 500 anos: Momentos de História da Nossa Cidade* menciona que, em 1935 foi vedado “a afixação de tabuletas em língua estrangeira” (Guerra, 2010:200).

No que diz respeito ao comércio, em meados do século XIX existiam no Funchal, cerca de oitenta estabelecimentos comerciais pertencentes a estrangeiros, na sua maioria de negociantes ingleses. O mesmo acontecia com as hospedarias já que das vinte e uma existentes, dezoito eram inglesas (Guerra, 2010:173).

O comércio local de proprietários madeirenses desenvolvia-se em mercearias e tabernas, nas quais eram vendidos variados artigos, de que bebidas e produtos alimentares podem ser exemplo. Esses espaços serviam também para convívio e, de certo modo, de centro de informação para forasteiros.

No campo económico, os comerciantes e empresários estrangeiros dominaram quase na sua totalidade o comércio e indústria da Madeira. Pioneiros na divulgação do bordado desenvolveram, aperfeiçoaram e difundiram o vinho Madeira, lideraram a produção de cana-

de-açúcar e a fabricação dos seus derivados, tais como açúcar, mel e aguardente. Detinham também o monopólio no abastecimento de carvão aos barcos, controlaram os transportes por cabotagem, as ligações regulares com o continente e as casas bancárias.

As maiores obras de construção civil eram realizadas por empresas britânicas. Exemplo disso foi o caminho-de-ferro, da autoria do engenheiro Raol Mesnier Ponsard, (1893-1912), a ligação por cabo (1874) efetuada pela Atlantic Telegraph Company/ Western Telegraph, a conturbada construção do porto do Funchal, entregue à “Companhia das Obras do Porto do Funchal (1926), sendo a empresa Fumasil Company Limited aquela a quem cabia a maior parte de adjudicação das obras. A edificação do cais, concluído em 1892, foi atribuída aos franceses, engenheiros Combemale (República e Republicanos:2010,CD).

A construção do então Hospital dos Marmeleiros deu-se no âmbito do contrato de concessão e exploração entre o Governo Português e Alemão, contrato esse anulado *à posteriori*, devido às pressões impostas pela Grã-Bretanha ao governo luso, que forçou Portugal ao pagamento de avultada quantia pela obra já realizada.

Com base em registos que abaixo transcrevemos, os estrangeiros ocupavam lugar dianteiro no desenvolvimento da hotelaria. Durante décadas, a família Reid viria a ser a detentora do maior e melhor alojamento que a cidade teria para oferecer.

«Em 1882, no seu guia Ellen Taylor faz o resumo da situação: “Logo que o vapor lança a âncora, os agentes hoteleiros estão entre o grupo dos primeiros a entrar a bordo. Há pouca, para não dizer nenhuma competição já que os principais hotéis da cidade pertencem aos Srs Reid, pai e filho”». ⁶⁸

Richard Francis Burton, na sua obra *To the Gold Coast for Gold, a Personal Narrative*, publicada em Londres em, 1883 refere-se ao alojamento na Ilha, da seguinte forma:

⁶⁸ Excerto retirado do texto da autoria do arquiteto Rui Campos Matos, “Os primeiros Hotéis do Funchal. Pequeno Contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica”, publicado na revista *Islenha* 47, em Dezembro de 2010, p.75.

“O delegado médico concedeu-nos certificado de saúde e logo demos as boas vindas [a bordo] ao bom monopolista Sr. William Reid e seu filho”.⁶⁹

Em 1925, Artur Rehbein menciona o Reid's Palace Hotel como “o mais distinto da terra”.⁷⁰

Pelo que nos foi possível ler em documentos que integram a bibliografia do presente trabalho, no final do século XIX os hotéis e hospedarias portuguesas gozavam de fraca reputação⁷¹. Felizmente, no século XX, o conceito sobre os empreendimentos hoteleiros de portugueses foi superado.

Na viragem do século XIX para o século XX, o fornecimento de carvão aos navios estava confinado a três empresas britânicas, o mesmo sucedendo nas Ilhas Canárias. Os empresários britânicos empenhavam-se em distanciar-se da concorrência alemã que manifestava interesse neste negócio em outros que os ingleses não permitiam concorrência.

Quanto ao vinho Madeira, estava reservado a um pequeno grupo de comerciantes, cuja maioria não possuía nacionalidade portuguesa (Câmara, 2002:139). A grande parte dos donos de adegas possuíam estufas para tratamento do vinho e tanoaria própria. Alguns deles eram também exportadores, tal como refere Benedita Câmara: “Entre 1850 e 1904, os exportadores constituíam tradicionalmente um grupo restrito predominantemente composto por estrangeiros” (Câmara, 2002: 139).

Alberto Vieira afirma que os principais comerciantes de vinho eram ingleses que apareceram no Funchal no último decénio do século XVII, de entre os quais se destaca William Bolton, considerado “o principal negociante de vinhos que monopolizava o comércio para à América do Norte [...]”. Foi entre todos os comerciantes ingleses o que maior influência exerceu nos

⁶⁹ *Ibidem*

⁷⁰ Artur Rehbein, escritor alemão, nasceu em Outubro 1867 e faleceu em 1952. Visitou a Madeira em 1925 numa viagem a que chamaram “Primeira Viagem de Recreio por Mar de Trabalhadores Intelectuais Alemães”, em que participaram cerca de 550 “Intelectuais”, preparada, segundo Eberhard Axel Wilhelm pela Academia Prussiana das Artes. A viagem teve uma duração aproximada de quatro semanas, ancorou no Funchal entre 12 a 14 de Abril de 1925 (Wilhelm, in *Islenha* n.11 Janeiro de 2004).

⁷¹ Rui Campos Matos, *Os Primeiros Hotéis do Funchal*, in *Islenha* 47, Dezembro de 2010.

circuitos comerciais britânicos das colónias das Índias Orientais e Ocidentais” (Vieira,2003:421).

“Os Ingleses controlavam os circuitos comerciais de maior volume de exportação com forte incidência enquanto os nacionais com estas rotas vedadas, restringiam-se à Europa do Norte, como a Rússia e Hamburgo, ou distribuíam-se de modo diferenciado por todas as áreas, mas sem assumir qualquer peso de nota.(...)

Na segunda metade do século XIX o comércio do vinho encontrava-se em estado de prostração, obrigando muitas casas a fecharem as portas. Em 1877 Henry Vizetelly⁷² refere apenas 12 exportadores em que se incluíam apenas duas casas nacionais (...) Em 1904 eram já quatro num total de onde, aumentando para oito em 1911”.

(Vieira, 2003:421)

No que concerne à reintrodução da cana-de-açúcar, que servia para a produção de aguardente, mel e açúcar, viria a preencher o vazio deixado pela escassez de uva indispensável à produção do precioso vinho. Também aqui, e de acordo com os registos de Benedita Câmara, este negócio seria também maioritariamente desenvolvido por comerciantes do vinho Madeira, “firmas e empresários que encontramos simultaneamente ligados ou à transformação de cana-de-açúcar ou ao fabrico de manteiga” (Câmara, 2003:138).

Iniciada a exportação na segunda metade do século XIX pela família Phelps, e posteriormente por outros britânicos, os bordados mudariam para o controlo de alemães na década de oitenta até à Primeira Grande Guerra. No entanto, adversidades políticas entre Portugal e Alemanha contribuíram para uma nova mudança a nível dos principais exportadores, também estes estrangeiros.

No que respeita ao comércio local, Jorge Valdemar Guerra escreve que em “1850 – Existiam no Funchal cinquenta negociantes ingleses, quatro americanos, cinco italianos, dezoito hebreus, um francês e 1 alemão” (Guerra, 2010:173). Estes dados são bem elucidativos duma forte presença de estrangeiros no comércio insular, assim como do predomínio dos ingleses em relação a outras nacionalidades.

⁷² Henry Vizetelly, *Facts about Port and Madeira*, publicado em Londres em 1880.

O texto que se segue é pronúncio que atesta a influência estrangeira na Madeira:

“Assim, durante grande parte do final do século XIX, não obstante o domínio económico e a força que deriva da expansão colonial inglesa, e não sendo correntes quaisquer prepotências destes estrangeiros, já as relações entre portugueses e britânicos se pautam por uma melhor compreensão, verificando-se uma efectiva ascensão comercial dos portugueses, marcadamente no último quartel do século XIX, nos estabelecimentos de venda ao público e uma ou outra iniciativa turística. Todavia é nesta altura que se gera em certos meios intelectuais uma certa anglofobia, bem visível, por exemplo, no Dr. Álvaro Rodrigues de Azevedo. Curiosamente, em princípios do século actual houve uma tentativa alemã de penetração, jugulada pela união dos britânicos que, por volta dos anos 20 deste século, contam com um domínio económico fulgurante: o açúcar, as cervejas, o bordado, o turismo, os serviços de apoio à navegação, agências e combustíveis, o Arsenal, os vinhos ainda, e outro comércio, além da Banca...

Que os ingleses luraram e fizeram fortunas com os seus negócios no nosso arquipélago, é um facto. Que houve abusos e, por tabelas, fomos prejudicados com as guerras em que a Inglaterra se envolveu, é indiscutível.

Todavia, afirmar que nada nos deram é falsidade que temos de desmentir. Desde um estilo de vida motivador de outros estratos da população portuguesa, à contribuição para o conhecimento da ilha nomeadamente nos aspectos científicos relativos à fauna, geologia, flora e medicina, até ao impulso para a nossa eventual maior riqueza actual, o turismo, tudo isso, em certa medida, devemos a esses estrangeiros, muitos dos quais, hoje, parecem sentir-se tão madeirenses como britânicos”.

(Silva,1994:188)

3.1.3 - Evolução cultural da Ilha

“Uma Madeira que no final do século XIX teve uma grande qualidade de vida. As pessoas viviam bem, eram cultas, tinham preocupações, não digo intelectuais no sentido que hoje se dá, mas tinha preocupações de cultura.

É evidente que não existia ainda no século XIX, mas guardo uma imagem precisa e clara das pessoas desse tempo. E elas mantiveram-se praticamente iguais a si próprias. Aliás, a sociedade madeirense não mudou muito entre o fim do século XIX e os anos 30”⁷³.

O contato constante com outras culturas tornaria inevitável a mistura e a prática de costumes que com a rotina acabariam por fazer parte integrante a cultura de um povo. Ao longo dos séculos, a Madeira esteve sempre muito ligada a culturas estrangeiras. Por um lado, porque presta apoio à navegação, fornecimento de combustível e mantimentos bem como aos

⁷³ Extraído da entrevista *Diário de Notícias* a Helena Marques publicada no Caderno-2 em 29 de Março de 1992.

passageiros em curso, recebe comerciantes estrangeiros que vêm negociar os seus produtos, dos quais se destaca o vinho Madeira, recebe doentes que procuram no clima ameno tratamento e esperança, recebe aventureiros, investigadores e curiosos que visitam e estudam a ilha e estrangeiros que escolhem a Madeira como destino de emigração. Desenvolvendo-se o turismo, o arquipélago passou a impor-se como um lugar privilegiado para férias, sobretudo para os residentes em países com temperaturas baixas durante o Inverno. Por outro lado, os madeirenses que tendo emigrado regressam passados anos, trazendo vestígios culturais dos países em que viveram, da mesma forma que quando emigraram, levaram objetos com os quais se identificavam e com os quais recordariam a pátria, transportando desse modo, um pouco da cultura insular. Destacamos a título de exemplo, o instrumento musical braguinha/cavaquinho ou rajão, que foi levado pelos madeirenses para as ilhas Sandwish, nos anos oitenta do século XIX, que com a devida adaptação ao local, recebeu o nome de ukulele⁷⁴.



Figura 29 - Braguinha que nas ilhas Sandwish originou o Ukelele
(Rui Carita – Curso de História e Cultura da Madeira – CD)

Daqueles que optaram residir na Madeira, partilharam as suas culturas, os seus conhecimentos. Para ali vieram alemães, britânicos, espanhóis, franceses, holandeses, italianos, russos, entre outros. Contudo, e provavelmente por força de ligações diplomáticas, a grande maioria vinha da Grã-Bretanha, o que aliás por duas vezes, como já foi referido, tomaram o arquipélago como território britânico. Montaram e desenvolveram os seus negócios, construíram casas, clubes, associações, tendo em tudo aplicado a tradição de berço. Mostraram, ensinaram e legaram os seus hábitos.

A oferta comercial regional destinada aos residentes foi de alguma forma desenvolvida em conformidade com as necessidades e novidades trazidas pelos estrangeiros residentes,

⁷⁴ Rui Carita em História do Funchal explica a origem do nome da seguinte forma: “ukulele ou ukelele, que na língua local significa pulga saltitante, dada a forma como era tocado, ou presente de longe, dada a proveniência da distante ilha da Madeira” (Carita, 2013).

principalmente por aqueles se dedicavam ao comércio local. Em *O Bazar Alemão*, Helena Marques presta-nos essa visão:

“A decadente retrosaria dos primeiros tempos tinha-se expandido com segurança, em pequenos passos bem medidos [...]. Ao fim de pouco anos, o Bazar Alemão já se encontrava bem implementado na cidade e expandira a sua capacidade de oferta, passando a incluir atoalhados e panos turcos, *lingerie* da mais simples à mais elaborada, fardas, aventais para empregadas domésticas, fraldas e roupa de criança.”

(Helena Marques, BA:117)

As famílias que, nas suas bagagens transportavam pianos para entretenimento pessoal ensinaram a tocar, deram a ouvir os grandes clássicos da música, contribuíram para a animação nos convívios sociais em clubes, teatros, festas de beneficência e em convívios familiares. Nesses momentos, cabia à mulher a honra de animar os serões e festas familiares com os seus dotes musicais. Por influência inglesa, o piano passou a ser um instrumento indispensável nos clubes, sociedade e academias com aspirações musicais, e em casas já que a sua presença era sinónimo de aristocracia.⁷⁵

O guarda-roupa ganha novos contornos; novos tecidos e acessórios são incluídos no vestuário, tornando-se parte integrante da cultura:

«A pouco e pouco os habitantes têm adoptado não só a maneira de vestir à inglesa, mas também as suas maneiras. O tricórnio, a espada, as fivelas, deram lugar ao chapéu redondo e aos sapatos de atacador».

(Silva,1994:142)

O mesmo acontecera com a introdução do palanquim. Reajustado por um inglês devido à inadaptação da esposa aos transportes comuns da época, recriou e aplicou o palanquim, tendo sido depois reproduzido como meio de transporte citadino para as senhoras, durante o século XIX⁷⁶.

⁷⁵Paulo Esteireiro, “Difusão e Efeitos do Piano na Vida Cultural Madeirense do Século XIX”, in *Islenha* 47, em Dezembro de 2010 p. 139-141.

⁷⁶ Elucidário Madeirense, vol III, 1978, p.74

Miss Phelps contribuiu para a dinamização do bordado; não só ensinou mulheres que não sabiam bordar, desenvolveu novos desenhos, cores e tecidos como também os levou na bagagem aquando da sua viagem de regresso a Inglaterra, para mostrar aos amigos e conhecidos, despoletando assim o processo de desenvolvimento da indústria de bordado⁷⁷.

No tocante a habitações, as quintas construídas na área funchalense no decorrer dos séculos XVIII e seguintes por nobres comerciantes e pessoas financeiramente abastadas, na sua maioria estrangeiros, viriam a engrandecer o património madeirense.

Edificadas para habitação ostentavam a riqueza dos seus donos, quer no interior quer na área exterior dos seus jardins, famosos não só pela disposição e variedade de flores mas também pelas “garden-party”, que Helena Marques recorrentemente refere em *Bazar Alemão*. Uma outra particularidade do exterior destas residências relaciona-se com a “Casinha do prazer” venerada pela mesma autora em *O Último Cais*, um lugar onde as senhoras poderiam usufruir discretamente de prazeres interditos ao sexo feminino como no caso de jogos de bilar, entre outros.

Na ausência de hotéis e durante um período de procura turística como no caso do turismo terapêutico, muitas destas quintas serviam de residências, sendo que algumas seriam posteriormente transformadas em hotéis.

A Quinta Vigia, atual residência oficial do Presidente do Governo Regional da Madeira, foi uma das mais requisitadas para habitação de pessoas ilustres que viveram na Ilha. É o caso da rainha Adelaide da Inglaterra, em 184, da princesa da Bélgica, arquiduquesa Carlota de Saxe, esposa do príncipe Maximiliano arquiduque da Áustria em 1848, da Imperatriz Elisabeth de Áustria, em 1860.

⁷⁷ Eberhard Axel Wilhelm, “As Casa Alemães de Bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer”, in *Isleha* 7, em Dezembro de 1990, p. 53.

A construção das quintas e casas apalaçadas que ainda povoam o arquipélago recebeu um toque britânico, imitado ao longo dos anos pela sociedade insular. O mesmo sucederia com o mobiliário de estilo inglês, inicialmente trazido das terras de sua majestade para recheio das habitações. Todavia, a elevada procura levou a que os mesmos fossem construídos na ilha. Algum desse mobiliário continua a decorar muitos lares, restaurantes e hotéis.

“... enchendo a banheira de cobre, em concha oval, que Marcos mandara vir de Inglaterra antes do casamento, juntamente com o sideboard Hepplewhite, as cadeiras Chippendale os sofás *georgian* e a grande cama de colunas de colunas dossel”

(Helena Marques, UC, 28)

No campo do desporto, o ténis, o bilar e o futebol foram as modalidades que mais cativaram a população madeirense. Os britânicos residentes ou de passagem, nos momentos de lazer, divertiam-se com jogos pouco conhecidos ou até mesmo desconhecidos pelos ilhéus.

“ E haverá as tardes de ténis no British Country Club com os parceiros habituais, mas também com os inevitáveis visitantes que sempre aparecem porque são amigos de um velho amigo e por isso conseguem acesso imediato e, geralmente, logo se integram”

(Helena Marques, BA, 46)

No decorrer do último quartel do século XIX, membros da família Hinton e Cossart, inaugurariam a prática de ténis. Os campos para a modalidade eram reduzidos e de cariz particular. António Ribeiro Marques da Silva, em *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense*, indica a existência de dois, um no Monte e outro no Palheiro Ferreiro, onde o Rei D. Carlos, aquando da sua visita à Madeira, teria testado as suas habilidades. (Silva, 1994:193).

“Três das paredes apaineladas estão cobertas de livros como num clube da *city*, [...] As mesas de bridge são ocupadas, todas as noites, por um grupo fiel de jogadores”

(Marques, 2009:146)

Francisco Santos refere que, por volta do ano de 1875, um madeirense de regresso à ilha propagou junto com jovens amigos os primeiros contatos com a bola. Esses encontros aconteciam num terreno na Camacha, local eleito por muitas famílias para férias de Verão. Todavia, considera que só em 1888, no mesmo lugar e por influência britânica, fervorosos praticantes dessa modalidade surgiram os primeiros jogos de futebol organizados (Santos 1989). A partir de então, começa a desenvolver-se noutras partes da ilha, como se pode comprovar no texto que se segue:

“ Logo algo impregnadas de excessos foram porém, as inúmeras e autênticas festas futebolísticas que tomaram lugar tanto no Campo de São Martinho como na esplanada do Castelo do Pico, próximo da Casa da Linha, como e particularmente no Campos de D. Carlos e das Loucas, parede meias este, para leste, daquele espaço, ao sítio do atual Arsenal de São Tiago e que continuou, até aos anos 20 do nosso século, a estar vocacionado ainda para a prática do futebol.

Esse jogos, que numa fase inicial se realizaram entre estrangeiros, visitantes e residentes, como refere Gonçalo Ornelas ao dizer que “nós presenciávamos os primeiros Jogos de Futebol dirimidos entre tripulantes de bordo (...), que vulgo denominava lords e, rapazes também ingleses da conhecida Casa da Linha, situada ao alto da Calçada de Sta. Clara (Gonçalo Ornelas – in livro Comemorativo das Bodas de Prata da A.F.F. – rubrica “ um pouco de história”) ou unicamente entre os estabelecidos, como é observado por Raul Freitas, um dos sócios fundadores do Nacional, que ao escrever sobre a origem do seu clube, assinala que tudo se iniciou porque vivendo em S. Martinho, assistíamos com grande curiosidade e interesse a diversos espetáculos desportivos que elementos da colónia inglesa levavam a efeito, dos quais se destacava também, o futebol.

Só posteriormente portanto, se constata a introdução de “elementos estranhos”, madeirenses, em particular da classe comercial e de certa categoria social, indivíduos estes que pelas suas relações sócio-profissionais com os britânicos, naturalmente que começam a participar também nas suas actividades de lazer (Santos, 1989:97).

3.1.4 – Insulares versus estrangeiros residentes: perspetivas e avanços

“Esta ilha é um cenário e pouco mais; cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo o que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para inglês ver e abrir a bolsa”⁷⁸

⁷⁸ Opinião de Raul Brandão sobre a Madeira, expressa em *Ilhas desconhecidas*, em 1926.

Com alguma reticência os insulares, acabam por render-se a intervenções estrangeiras. Consta que o tradicional carro de bois terá surgido de uma aplicação de acentos a uma cobertura na corsa madeirense levada a cabo em 1848 por um major Inglês (Guerra, 2010:172).

Rendidos aos costumes e vivências dos estrangeiros residentes, copiam o que lhes atrai. Adotam o mesmo género de construção e decoração das habitações apalaçadas e organizam de modo semelhante as áreas ajardinadas, os convívios sociais e copiam a *casinha-de-prazer* que permite às senhoras observar sem serem vistas. O mesmo sucedera com o vestuário, com sinais exteriores do estatuto social, com o piano nos lares madeirenses para entretenimento das famílias, com o lazer e diversão através de jogos de *bridge* e ténis.

“[...] à genebra importada da Holanda em botijas de barro, ou uísque que os Ingleses introduziram na ilha.”
(Helena Marques, UC, 71)

Como refere António Ribeiro Marques da Silva, em *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense*: “o *English way of life* atinge as minorias abastadas, seguidas à distancia pelo pequeno burguês que se tenta colar ao modelo mais civilizado, mas de maneira mas epidérmica que se traduziria na imitação do vestuário, a utilização de certo mobiliário e o gosto pelos desporto britânicos por excelência, como o ténis e o futebol” (Silva, 1992:189). Partilharam conhecimentos, jogos, músicas, diversões, passando a ser as preferidas e como tal imitadas pela população local a tal ponto que se tornou notório estrangeiros os estrangeiros que nos visitavam. Jorge Guerra, no seu livro *Funchal 500 anos: Monumentos e Documentos da História da Nossa Cidade*, transcreve de um jornal do ano de mil oitocentos e noventa e nove o seguinte:

“[...] uma partida de «football» no Campo D. Carlos I, na zona correspondente ao campo de exercícios militares, entre oficiais do iate *Rhouma* e os membros da colónia britânica residente no Funchal, tendo sido «extraordinária a concorrência a este divertimento». Notícia, dias depois que «desde que alguns estrangeiros iniciaram o jogo da bola na Campa de D. Carlos a garotada imita todas as tardes com pedra causando perigo aos trasuentes».”

(Guerra, 2010:186)

Grande parte da cultura madeirense parece, assim, resultar da fusão de marcas culturais, de hábitos e costumes que ao longo dos tempos foram introduzidos por forasteiros que escolheram a Ilha Madeira para viver, mas também por imigrantes espalhados pelo mundo, que no regresso a casa, importavam também um pouco da cultura do país que os acolheram, na sua procura por um melhoria de qualidade de condições de vida.

Parte IV

4. Cartografias da Madeira

4.1 Roteiros Culturais a partir da produção ficcional de Helena Marques

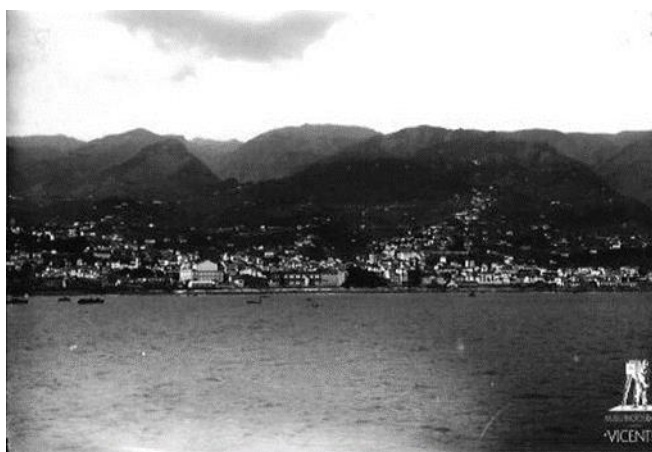


Figura 30 - Baía do Funchal, anos 80 do século XIX (Museu *Vicentes*)

“a descrição da paisagem grandiosa: a oriente, a Ponta do Garajau; a ocidente, mais ao longe, o cabo Girão, o mais alto promontório da Europa; e entre ambos, a toda a volta, a serra descontínua, cortada por vales e gargantas onde brilham cursos de água serena ou se despenham quedas-d`água tumultuosa e límpida. [...] à laurisilva madeirense, a maior floresta existente de espécies originais da Macaronésia, constituída por árvores de grande porte e folhagem perene, vinhático, loureiro, barbuzano, tis e folhados, que a Madeira partilha, apenas, com as ilhas dos açores e das Canárias”.

(Helena Marques, BA, 76)

Para a elaboração do roteiro que aqui apresentamos, optámos por recorrer ao *Último Cais* (1992) e *Bazar Alemão* (2010) de Helena Marques por centrarem a narrativa no século XIX até a atualidade e pela constante referência a um conjunto de características que retratam a realidade madeirense, nos seus mais variados aspetos: a condição geográfica, o clima, fatores

políticos e sociais, o comércio em todos as suas vertentes, o turismo, a sociedade e os seus costumes, usos e vicissitudes, as complexidades e os sucessos. As inúmeras descrições de caminhadas aos picos da ilha, de passeios pelo campo, de viagens marítimas entre localidades costeiras, de subidas de comboio até ao Terreiro da Luta e descidas de carro de cesto, entre outras, dão a ver um período da vida na Ilha da Madeira que, apesar da grave crise económica, social e política que o País e a Europa atravessavam, conseguiu implementar diversas infraestruturas que viriam a contribuir para o desenvolvimento e maior projeção do arquipélago.

Em *O Último Cais*, são inúmeras as descrições apresentadas por Helena Marques para possíveis criações de roteiro pela cidade do Funchal. Exemplo disso poderá a chegada de Marcos Vaz de Lacerda à Ilha, quando acaba de regressar de África. É, pois com base no regresso do protagonista bem como outros trajetos efetuados pelas personagens criadas por Helena Marques nos romances que nos serviram de ponto de partida que optámos por projetar a nossa proposta de roteiro assente em aspetos socioculturais transversais às épocas: último quartel do século XIX, a década de trinta do século XX e os nossos dias. É assim nossa intenção propor uma viagem pelo espaço e pela cultura, para a partir do espaço público observar e apreciar o património madeirense sempre que possível, referindo as suas origens.

As narrações factuais da ilha são ricas e diversificadas. Contudo, elegemos para o nosso roteiro apenas algumas artérias do centro do Funchal, descritas nos romances, considerando a sua importância ao longo dos séculos. Consideramos ainda oportuno introduzir alguns espaços recentes de âmbito cultural existentes no trajeto do nosso roteiro por se nos afigurarem importantes para dar a ver e conhecer a Ilha da Madeira a todos aqueles que tencionam fazer o percurso proposto pelo roteiro que se apresenta.

No mapa da cidade sobre o qual traçamos o roteiro, que apresentamos no anexo 11, as legendas encontram-se repartidos em três núcleos: EP- espaço público que engloba os aspetos que podem ser observados da rua; ER - Espaços religiosos que inclui capelas, conventos e igrejas; MC - Museus e espaços histórico-culturais.



Figura 31 - Desembarque no Funchal no século XIX (Madeira Quase Esquecida)

“No seu passo largo, corta a Rua da Praia e a Praça da Constituição, ladeia a Sé, sob a Rua João Távira, contorna o Colégio do Jesuítas, atravessa a pequena ponte sobre a Ribeira de Santa Luzia e começa a íngreme subida para casa”

(Helena Marques, UC, 50)

Iniciamos a nossa viagem junto ao cais, na Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses, construída em pleno século XX, muito próxima da Rua da Praia, a mais percorrida então por quem nos visitava. Era também nesta rua que devido à sua proximidade como local de chegada e partida de navios e visitantes se concentrava um grande volume de comércio.

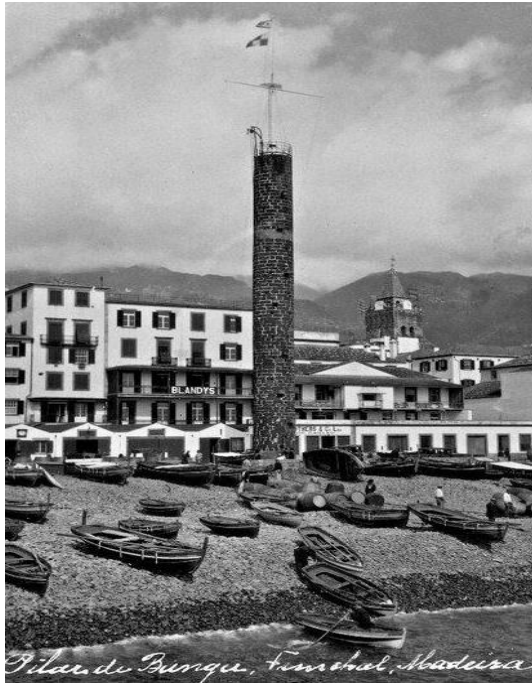


Figura 32 - Pilar de Banger que auxiliou a navegação no Funchal entre 1789 e 1939 (Madeira Quase Esquecida)



Figura 33 - Réplica do Pilar, colocada na Av.ª do Mar (Arq. Mestrada)

Perto da entrada do cais, pode ainda ser apreciado um pequeno fragmento do Pilar de Banger (anexo 11-EP1) construído por um comerciante inglês que lhe deu o nome, com o objetivo de auxiliar nas manobras de manuseamento de mercadorias na baía do Funchal. Com a construção do cais e do molhe, o pilar de Banger deixaria de ter a utilidade para o qual fora erguido. Apesar dos acérrimos protestos, acabaria por ser demolido em 1939, a fim de permitir a ampliação da construção da atual avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses⁷⁹.

O cais do Funchal surgiria na paisagem da baía já próximo da viragem do século⁸⁰. O tão desejado cais e molhe de acostagem surgiriam para alegria e facilidade no acesso de forasteiros e madeirenses aos navios⁸¹. Até então, a entrada e saída dos passageiros nas embarcações realizava-se por *escaler*⁸² ou seja o transbordo era feito para uma embarcação

⁷⁹ *Elucidário Madeirense* vol I, p 124 e *Ilhas de Zarco* Vol II, p.146.

⁸⁰ A conclusão da obra data de 1892, (Guerra,2010:184).

⁸¹ Transportes da Madeira, A.V. Simões, 1983.

⁸² Pequena embarcação utilizada no transporte de passageiros entre o Navio e a praia.

pequena que deixava os viajantes junto à praia, um processo que implicava que os passageiros inevitavelmente ficassem com as vestes e calçado molhados. Com a construção do cais, essa situação melhorou substancialmente. Como podemos ver na figura 1 da página 10, pela quantidade de navios ancorados ao largo da baía, tornara-se imperativa a construção de um cais e de um molhe, a fim de a facilitar o processo de (des) embarque.

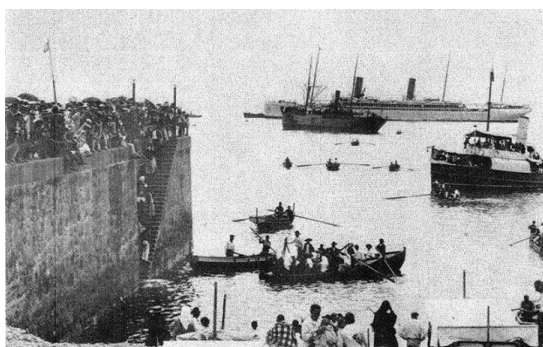


Figura 34 - Desembarque de passageiros no cais do Funchal (s/d).



Figura 35 - Porto do Funchal - Bihete Postal anos 40 séc. XX

À entrada da cidade, ao lado esquerdo encontra-se a Fortaleza e Palácio de São Lourenço, (anexo 11 - EP2), mandado edificar no início do Século XVI, por D. Manuel I, Rei de Portugal, para fortaleza, a que foi dado o nome de Fortaleza de São Lourenço. Várias vezes alterado e ampliado, em termos arquitetónicos e de ocupação, no século XVIII ganharia a designação pela qual hoje é conhecido. Foi residência dos capitães donatários, domicílio da força militar castelhana e residência de governadores capitães-generais. No século XIX ocorreu a divisão do espaço entre as forças militares, Comando da Zona Militar da Madeira e Governador Civil, atual residência oficial do Representante da República para a Região Autónoma da Madeira⁸³. Partilham a mesma entrada de acesso localizada na Entrada da Cidade, na Avenida Zarco.

⁸³ “Localizado no centro histórico da cidade do Funchal, o Palácio de São Lourenço foi classificado como Monumento Nacional em 1943. A denominação de “Palácio de São Lourenço” reporta-se a um conjunto monumental que engloba a Fortaleza, iniciada na primeira metade do séc. XVI e concluída no período filipino, e o Palácio propriamente dito, compreendendo os salões do andar nobre que datam do último quartel do séc. XVIII e os jardins interior. A função residencial deste Monumento veio a prevalecer sobre a sua utilização defensiva, definitivamente minimizada a partir da edificação do andar nobre em finais do séc. XVIII, da qual

No Palácio de São Lourenço, podemos visitar o Museu Militar da Madeira que possui no seu espólio peças de artilharia e armas desde o século XVIII, utilizadas na defesa da Ilha. (Anexo 11 – MC1)



Figura 36 - Entrada da Cidade 1870
(Carita – Curso de Cultura e História da Madeira, CD)



Figura 37 - Av.º Zarco, junto à entrada da cidade, 2013. À esquerda a entrada do Palácio

resultou ter-se generalizado a designação de “Palácio” a todo o conjunto anteriormente denominado “Fortaleza de São Lourenço”.

“Foi residência dos capitães donatários no séc. XVI, sede da força militar castelhana permanente durante o período filipino, depois residência de governadores capitães-generais até à implantação do governo constitucional em 1834, tendo o arquipélago da Madeira passado, a partir de 1835, a ser administrado por governadores civis. Em 1836, procedeu-se à separação dentro da Fortaleza-Palácio entre a área militar, a leste (hoje afecta ao Comando da Zona Militar da Madeira) e o Palácio, residência do governador civil (área oeste, compreendendo as Salas Nobres, gabinetes, zona privada, jardins e baluartes sudoeste, noroeste e norte). A partir de 1976, com a instituição do sistema autonómico, a zona anteriormente ocupada pelo governador civil tornou-se a Residência Oficial do Ministro da República para a Região Autónoma da Madeira, e em 2006 Residência Oficial do Representante da República para a Região Autónoma da Madeira.” (Página Oficial do Representante da República para a RAM acedia em 2013-02-06 <http://representantedarepublica-madeira.pt/>).

No entroncamento das duas avenidas, Zarco e Arriaga, podemos observar a estátua de João Gonçalves Zarco, (anexo 11- EP3) um dos descobridores da Madeira, inaugurada em 28 Maio de 1934. Criada pelo escultor madeirense Francisco Franco, autor de inúmeros trabalhos na Ilha, em Portugal continental e na Europa.⁸⁴

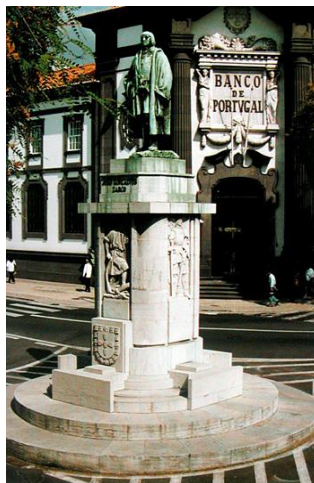


Figura 38 - Estátua de Gonçalves Zarco. Ao Fundo a entrada do Banco de Portugal.
(Carita, Curso de Cultura e História da Madeira -CD)

Na esquina à direita, situa-se o Golden Gate (anexo 11-EP4) café que Ferreira e Castro designado de “Esquina do Mundo”⁸⁵. Abriu as portas em 1841, e desde então vem sendo muito apreciado por forasteiros e residentes, afirmando-se como espaço preferencial para convívios sociais, tertúlias, festas, e lazer. Para além de Ferreira e Castro, destaca-se de entre os vários clientes que por ali passaram, tal como Raul Brandão, cujas referências em *Ilhas desconhecidas*, e dão conta da agitação vivida aquando da chegada de um navio⁸⁶. Helena

⁸⁴ Sítio na Internet da CMF, página do museu Francisco Franco e *Elucidário Madeirense*, em www.cm-funchal.pt (acedido em 10 de novembro de 2013)

⁸⁵Ferreira de Castro (in Memória do Funchal de José Manuel Melim Mendes)

⁸⁶ “Sentado à porta do *Golden Gate*, ouço o apito do vapor, e já sei o que se vai passar: muda a armação como um cenário de magia. Surgem homens com grandes chapéus de palha para vender bordados, colares falsos de coral, cestos de fruta; iluminam de repente as lojas, e segue o desfile de tipos – pretas de Cabo Verde com *foulards* vermelhos na cabeça, mulheres planturosas, alemães maciços, portugueses esverdeados e febris que regressam das colónias, velhas inglesas horríveis que vêm não sei donde e partem não sei para onde, desaparecendo para sempre no mistério insondável do mar; criaturas inverosímeis que rodam a toda a força nos automóveis num frenesi que dura momentos e se passa na única rua onde há um café que transborda de luz. Mas as máquinas de bordo dão o sinal e uma hora depois esta vida fictícia desapareceu e tudo reentra no isolamento e no silêncio. Apagam-se as luzes, correm-se os taipais e os vendedores mergulham na pacatez da vida quotidiana. O quadro está sempre a repetir-se com a chegada e a partida dos grandes transatlânticos. “Raul Brandão, em *Ilhas Desconhecidas*, 1926, p. 86

Marques também se detém nas obras que constituem o *corpus* deste trabalho nas descrições de convivência sociais características desse espaço de convívio da baixa funchalense



Figura 39 - Golden Gate cafe (Séc. XX)



Figura 40 - Golden Gate café (Séc. XXI)

“... e entraram na Avenida Arriaga. O golden Gate parecia polarizar, aquela hora, todo o escasso movimento da cidade. As cadeiras da esplanada ainda não tinham sido retiradas e contornavam a esquina perlongando-se pela Avenida Zarco, e foi aí que se sentaram em frente ao palácio de São Lourenço. Flores roxas, tombadas dos jacarandás, cobriam o pavimento cacetado a preto e branco, num padrão tradicional geometricamente perfeito”.

(Helena Marques, BA, 28)

Nas traseiras da estátua de João Gonçalves Zarco, na esquina oeste do cruzamento das avenidas, no cimo de uma escadaria, um prédio com a fachada revestida e decorada em cantaria e mármore branco acolhe a Delegação Regional do Funchal do Banco de Portugal, (anexo 11- EP5) ao serviço da Madeira desde o último quartel do século XIX.

Prosseguindo pela Avenida Arriaga, para poente cuja toponímia pretende homenagear o governador Dr. Manuel Arriaga⁸⁷ (anexo11-EP6), deparamo-nos com vários espaços emblemáticos da cultura madeirense ao longo dos tempos.



Figura 41 - Praça da Constituição em 1880, atual Av.^a Arriaga (ARM)

Após as obras de transformação da Praça da República e da Praça da Constituição, a remoção dos carris do Carro Americano e a eliminação do *jardim pequeno*⁸⁸ foi inaugurada nas primeiras décadas do século XX a Avenida Manuel Arriaga que compreendia, numa primeira fase, o Largo da Sé e o início da Rua de São Francisco. Ainda durante a primeira metade do mesmo século seria ampliada até à Praça Infante. Nos nossos dias, habitualmente conhecida por placa central, dá chão a diversos eventos de cariz sociocultural, comercial, desportivo entre outros.

Ao lado do Banco de Portugal, encontra-se situada a Secretaria Regional da Cultura Turismo e Transportes, seguida das antigas adegas do Vinho Madeira, atual Museu da Madeira Wine Company (anexo11- MC2). Para além de aí se poder saborear o tão famoso néctar, que cativou e até curou encantou e continua, a encantar quem o provar, ficamos a conhecer o processo de produção, o testemunho das diversas personalidades famosas que por ali

⁸⁷ Dr. Manuel de Arriaga, foi eleito governador e representou a Madeira no parlamento entre 1882 e 1884. Já com a República, 1911 fora novamente apontado para defensor dos madeirenses. No entanto, a sua eleição para Presidente da República, fê-lo declinar o convite. *Elucidário Madeirense*, Vol. I p.89

⁸⁸ Jardim Pequeno, existente na esquina do Rua de São Francisco, (Guerra, 2010:191)

passaram e ainda apreciar um dos trabalhos executados pelo pintor austríaco Max Rommer, que viveu na Madeira durante três décadas⁸⁹.

“ ainda não tinha falado com Max Rommer [...] já viram a sua última exposição? É simplesmente magnífica.
[...] Só lamentavam que um pintor de tão grande talento se visse constrangido a gastar a maior parte do seu tempo pintando postais para turistas, como meio de subsistência.”

(Helena Marques, BA:25)

Como já tivemos oportunidade de referir, o vinho Madeira tem desempenhado, ao longo da sua existência, um papel preponderante na economia do Arquipélago. Por tal motivo, na cidade do Funchal encontramos diversas empresas e institutos que se dedicam à promoção e comercialização do produto que deu fama à Madeira. Com menos idade, mas com a mesma pujança e a partilhar o mesmo organismo de tutela, está o Bordado Madeira, presente na grande maioria das habitações madeirenses e na decoração de variados espaços públicos.



Figura 42 - Armazém de vinhos, atual Madeira Wine

Prosseguindo a nossa proposta de viagem, seguindo para leste e ainda à direita chegamos ao Jardim Municipal (anexo 11-EP7), construído no decorrer da segunda metade do século XIX,

⁸⁹ Max Rommer – Viveu na Madeira entre 1920 e 1950.

em área parcialmente ocupada pelo Convento de São Francisco⁹⁰, demolido nos anos trinta do mesmo século, devido à condição decadente e perigosa em que se encontrava.

Inicialmente denominado por Jardim de São Francisco, alia as suas árvores seculares de interesse botânico, os canteiros sempre floridos, peças arquitetónicas, bustos, esculturas, escudos, entre outros.



Figura 43 - Busto do Libertador de Pernambuco



Figura 44 – Brazão em pedra do convento de São Francisco

Nos nossos dias, tal como no passado, nos arruamentos internos do jardim e no antiteatro que ali existe, desenvolvem-se ao longo do ano atividades de âmbito cultural e social, incluindo concertos musicais, espetáculos de dança, desporto e feiras.

“[...] entravam no porto do Funchal navios de guerra ou, até grandes esquadras, e era frequente que as respetivas bandas de música viessem a terra dar concertos, no Jardim de São Francisco”.

(Marques, 2010, 118)

⁹⁰Da demolição do convento de São Francisco construíra-se o jardim, o prolongamento da avenida até a Praça do Infante, o Teatro Baltazar Dias. Consta que foi no ano de 1882 que os trabalhos do jardim foram concluídos. (Elucidário Madeirense, Vol I, 1978: 605,606).

Do lado oposto ao jardim surge o Teatro Municipal Baltazar Dias (anexo 11-MC3), construído nos anos oitenta do século XIX. A inauguração data de 1888 na altura em que fora alcunhado de Teatro D. Maria Pia. Por deliberação das autoridades regionais, mudou de designação algumas vezes. Contudo, no decorrer dos anos trinta do século XX, durante o mandato do então presidente da Câmara Municipal do Funchal, Dr. Fernão de Ornelas, por sugestão recebida do vereador da cultura, Dr. José Luís Brito Gomes recebe, a denominação pela qual hoje o conhecemos, Teatro Municipal Baltazar Dias, em homenagem ao poeta madeirense, “ao grande vulto da cena portuguesa, ao nível do teatro popular”⁹¹. Embora existissem na cidade, algumas salas de espetáculo, a sociedade madeirense implorava pela edificação de um espaço com melhores condições.



Figura 45 -Teatro Municipal Baltazar Dias (1897)



Figura 46 - Teatro Municipal Baltazar Dias (Séc. XXI)

A nascente do teatro está o café Ritz, com as paredes revestidas de azulejos azuis e brancos pintados que exibem alguns quadros da história da Madeira. (anexo 11-EP8) Reaberto recentemente, num edifício que, foi já sede da Associação Comercial e Industrial do Funchal.

De regresso pela avenida que outrora foi denominada de Passeio Público, sob jacarandás que na época de floração transformam o chão num autêntico tapete de flores, passamos junto ao antigo prédio da Assembleia Regional (anexo 11 - EP9).

“Regressa à Avenida Arriaga e avança sobre os jacarandás”

(Helena Marques, BA:179)

⁹¹ Rui Carita, em *100 Anos de Bombeiros Municipais*, 24 de Setembro de 1888 - 1988

Construído nos séculos XVII e XVIII para instalação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, no século XIX, recebeu também a Escola Médico-cirúrgica do Funchal que seria, extinta por Decreto em Novembro de 1910, depois de cerca de 70 anos de atividade e, credenciando 250 profissionais, dos quais dois eram mulheres⁹².

“Todas as manhãs (Catarina Isabel) saía para a Escola Médica, Rosa seguia a seu lado”

(Helena Marques, UC, 124)

Na década de trinta do século XX o hospital seria transferido para as novas instalações inauguradas no edifício dos Marmeleiros, no Monte. A partir dos anos trinta do Século XX passou a funcionar neste prédio a Junta Geral do Distrito do Funchal, atualmente serviços da Vice-presidência do Governo Regional da Madeira e de algumas Secretarias Regionais. Da fachada que dá para avenida Arriaga, restam os alçados e os portais⁹³.

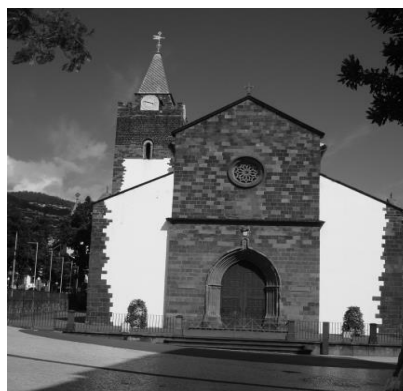


Figura 47 - A Sé Catedral do Funchal em Século distintos XIX e XXI

⁹² Elucidário Madeirense Vol. I, pp. 770-774.

⁹³ Rui Carita em Funchal, 500 anos de História, 2008, p. 67

No fim da Avenida, a Sé Catedral do Funchal (anexo 11 -ER1), de construção manuelina, foi erguida no início do Século XVI e, é portadora de uma riqueza arquitetónica singular. Os seus tetos executados em madeira da Ilha são considerados dos mais belos de país. Decorado com peças de ourivesaria sacra, pratas da confraria do Santíssimo, esculturas e cerâmicas, retábulos de São Francisco Xavier, e outras peças de elevado, a Sé Catedral do Funchal, é um dos monumentos cuja visitar se torna incontornável ⁹⁴.

“ No seu passo largo, corta a Rua da Praia e a Praça da Constituição, ladeia a Sé, sobe a rua de João Tavira, contorna o colégio dos Jesuítas, atravessa a pequena ponte sobre a Ribeira de Santa Luzia e começa a ingreme subida para casa”

(Helena Marques, UC, 50)

Subindo a rua de João Tavira, a caminho da rua Câmara Pestana, outrora rua da Carreira, passamos pela Associação de Socorros Mútuos, fundada a 4 de Setembro de 1862, por iniciativa do comerciante Henrique Camacho. A sua fundação, “tinha por fim socorrer os sócios impossibilitados que conseguir meio de subsistência, na doença na velhice e nas despesas do funeral. A assistência estendia-se ainda à viúva e órfãos quando para tanto houvesse disponibilidades”⁹⁵.

“Rua da Carreira (...) um lugar óptimo para trabalhar, numa das zonas mais centrais da cidade.”

(Marques, 2010, 24)

A Carreira Velha de Cavalos, atual Rua da Carreira (anexo 11- EP11), é uma das ruas mais antigas da cidade que se estende desde o largo da Igreja, no entroncamento com a avenida Zarco, até à ponte da ribeira de São João. Sabemos que a toponímia se deve às corridas de cavalos que ocorrera numa parte desta rua⁹⁶.

⁹⁴Elucidário Madeirense, Vol III,1978:522-523 e Site da CMF, www.cm-funchal.pt, acedida em 6-fev-2013.

⁹⁵ Extraído do sitio da internet da Associação de Socorros Mútuos, www.asm4setembro.pt, acedido em 12 de Fevereiro de 2014

⁹⁶“Chama-se, dizem as Saudades, a Carreira dos cavallos pelo costumarem correr nela”,*Elucidário Madeirense*, Vol I, 1978, p. 482-483

Ao longo desta artéria podemos encontrar diversos aspetos que nos transportam ao passado: lojas, traços arquitetónicos característicos dos séculos XVIII e XIX, residências, entre outros.



Figura 48 - A Rua da Carreira, em épocas distintas

“Caminha devagar pela rua antiga e muito longa entre moradias de dois e três pisos e foi visualizando (...) os jardins das traseiras, semelhantes entre si, com árvores de fruto ou sombra, canteiros de flores e, obrigatoriamente cadeiras de vime de artesanato local ou adequados bancos de madeira, (...). Era inimaginável, na verdade uma residência madeirense, mesmo situada no centro do Funchal que não dispusesse de um jardim bem tratado”

(Marques, 2010, 104)

Logo no início dessa rua, encontra-se o Museu “Vicentes” (anexo 11-MC4), oficina de fotografia de um dos mais eminentes e conhecidos fotógrafos do século XIX, Vicente Gomes da Silva. *O Elucidário Madeirense* menciona Vicente Gomes da Silva como:

“ um fotografo distintíssimo e um desenhador, um escultor, um gravador e um fundidor digno do maior apreço. Foi ele o introdutor da fotografia e da estereotipia na Madeira e quem primeiro fabricou carimbos de borracha e fundiu o ferro nesta ilha conseguindo produzir maravilhas em todas as especialidades.”⁹⁷

⁹⁷*Elucidário Madeirenses*, Vol. III, 1978:550

No decorrer do último quartel do século XX, foi adquirido pelo Governo Regional da Madeira, transformado em museu. No seu acervo, para além das muitas coleções de fotografia e negativos sobretudo da Madeira e de pessoas que a visitavam, conserva também máquinas fotográficas e de cinema, equipamentos de revelação e cenários empregues nas fotografias e mobiliários utilizados na decoração do estúdio.⁹⁸

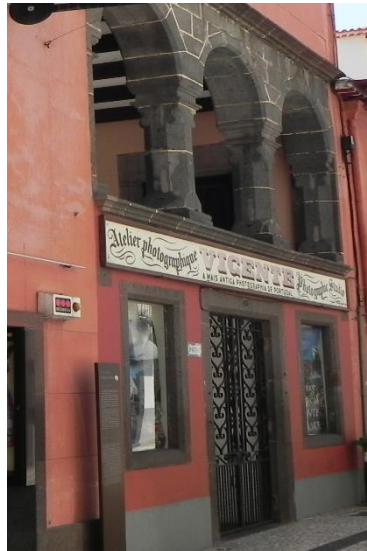


Figura 49 - Entrada para o Museu pela Rua da Carreira

Um pouco mais à frente, deparamos-mos com a padaria e pastelaria “A Lua” (anexo 11-e EP12) que ostenta sobre a porta um ícone de cor vermelha e uma placa com a indicação do ano da sua abertura ao público. Segundo Maurício de Barros Fernandes, esta amostra iconografia era “muito rara no Funchal”⁹⁹.



⁹⁸ www.photographiamuseuicentes.com.pt, acedido em 2013-04-10.

⁹⁹ Maurício Barros Fernandes, *Para uma Leitura Iconográfica do Funchal, Letreiro Pintados (1850-1925)*, em *Islenha 1*, dezembro de 1987.

A portas-meias, encontramos a casa em que residiu Júlio Dinis (anexo 11- EP13) aquando da sua estada na Madeira, em 1869 e onde escreveu a maior parte do romance *Os fidalgos da Casa Mourisca*¹⁰⁰. Para anunciar o local e a passagem do autor pelo Funchal, a Câmara Municipal do Funchal, encomendou ao escultor madeirense Ricardo Velosa, uma estátua de 1996 que se encontra nesta rua, em frente à casa que habitou.



Ó Funchal! Que tristes dramas se têm passado à luz do teu sol benéfico! Que lustrosos desenlaces de tantas histórias de paixões! Que de lágrimas ardentes caídas no teu solo sequioso, que se apresse a escondê-las discreto! E à sombra das tuas árvores quantas fontes escaldando de febre vergaram sob o peso da cruel melancolia!¹⁰¹

¹⁰⁰ “As seguintes palavras foram encontradas num livro do ilustre escritor e eram do seu próprio punho: «Principiei a escrever *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, no Funchal, em Março de 1869, Levava-o em meio do capítulo 8.º quando voltei de Porto em Maio do mesmo ano. Trabalhei no Porto e escrevi até o princípio do capítulo 17.º desde Junho até Outubro, época em que voltei para a Madeira. Concluiu no Funchal em 11 de Abril de 1870.» *Elucidário Madeirense*, vol. I, 1978 p. 698.

¹⁰¹ Extraído do blog do Biblioteca Municipal do Funchal, <http://bmfunchal.blogs.sapo.pt/23291.html>, (acedido em 4 de Fevereiro de 2014)

“... decidiu cortar caminho e subir a íngreme Rua do Quebra Costas que desemboca muito perto do seu miradouro”

Subindo a rua do Quebra Costas (anexo 11-EP14), antes rua Nova da Bella Vista, encontramos à esquerda a Igreja Inglesa (anexo 11-R2), erguida nas primeiras décadas do século XIX. Refira-se que as verbas empregues na sua construção foram conseguidas mediante tributo previamente definido pelos negociantes ingleses de vinho Madeira¹⁰². Está aberta ao público e pode ser visitada no horário de expediente.



Figura 50 - Entrada da Igreja Inglesa, sito à Rua do Quebra Costas

No n.º 33 mesma artéria, é possível para visitar a Associação Quebra Costas, Centro de Arte Contemporânea. Aberta ao público desde 1989, a “Porta 33” (anexo 11 - MC5) empenha-se na divulgação e promoção da arte e conceção de projetos de produção. Neste espaço podemos assistir a exposições, debates, eventos diversos no âmbito do desenho, da projeção de filmes, leituras, entre outras. No seu acervo constam trabalhos de uma vasta lista de artistas¹⁰³. Possui também um centro de documentação de cultura contemporânea.

¹⁰²A igreja ficou concluída em Março de 1822, tendo custado 40:000 dollares, importância esta que foi obtida por meio de subscrições e pela contribuição voluntária de 2 xelins e 6 dinheiros por cada pipa exportada pelos negociantes ingleses. *Elucidário Madeirense*, vol II, 1978 p.264

¹⁰³<http://www.porta33.com/> (acedido em 16 de Abril de 2013)

“[...] atravessam a Rua da Carreira, começam a ingreme, desvairada subida do Quebra-Costas, Marcos controla o andamento para não fatigar os amigos, vai parando a espaços, contando histórias da ilha, Zarco e D. Constança...”

(Helena Marques, UC, 172-173)

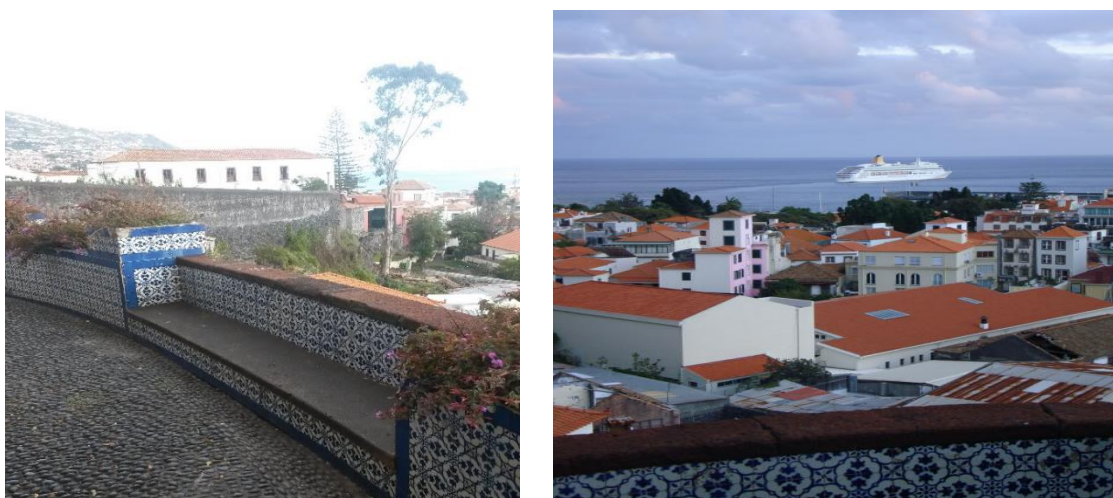


Figura 51 - Miradouro das cruzes com o Convento de Santa Clara à Esquerda. Na 2.ª fig. *torre-avista-navios* por entre o casario e a baía um navio.

“Sentam-se a descansar nos bancos de pedra do Largo das Cruzes e Marcos chama a atenção para a massa pesada e cinzenta do convento de Santa clara, à esquerda, o primeiro a ser construído na Madeira”

(Helena Marques, UC, 173)

A partir do miradouro das Cruzes (anexo 11 – EP14), que também já foi designado de Largo da Bela Vista¹⁰⁴, é possível apreciar a grande mancha de edifícios que se prolonga até à baía. Por entre os prédios encontramos também as conhecidas torres – *torre-avista-navios*, utilizadas pelos comerciantes, no controle da aproximação dos navios ao porto e mais tarde adaptado nos hotéis para que os hóspedes pudessem disfrutar da paisagem¹⁰⁵.

¹⁰⁴ António Aragão em *Museus da Quinta das Cruzes*, 1969, p. 28

¹⁰⁵ Rui Campos Matos, in *Islenha 47*, Dezembro de 2010 p. 78

“muito próximo da Quinta das Cruzes e do Convento de Santa Clara que sabia serem as mais nobres edificações do Funchal quatrocentista”.

(Helena Marques, BA, 88)

Seguindo o nosso percurso, a caminho da Calçada do Pico, encontramos à esquerda o museu da Quinta das Cruzes (anexo 11 - MC6), que foi parte integrante da residência do descobridor da Madeira e primeiro capitão donatário do Funchal, João Gonçalves Zarco, seus descendentes e de ilustres que a herdaram. Segundo António Aragão, a «Quinta das Cruzes», adquirida na segunda metade do século XIX por Tristão Vaz Teixeira de Bettencourt e Câmara, foi vendida logo de seguida e teve distintas utilizações:

“Sucessivamente, ao longo dos últimos anos a «Quinta das Cruzes» passou por diversas aplicações e vicissitudes. Foi pensão, residência por várias vezes, sede de banda filarmónica, casa de bordados, etc.. Por fim, em 1953 encontrando-se à venda, a junta Geral do Distrito fez a sua aquisição a fim de aí instalar um Museu”¹⁰⁶.



Nessa antiga residência madeirense, está reunido um vasto grupo de elementos que revelam a história do arquipélago da Madeira. No sítio de museu, www.museuquintadascruzes.com, podemos ler, que os jardins conservam a mesma estrutura que lhe foi aplicada no século XIX “caminhos empedrados e fontes em pedra de fajôco, numa concepção romântica dos espaços ajardinados”¹⁰⁷.

¹⁰⁶António Aragão, edição da Junta Geral do Distrito do Funchal 1970, O Museu da Quinta das Cruzes, p, 46

¹⁰⁷www.museuquintadascruzes.com, (acedido em 10 de Abril de 2013).

A base do recheio deste museu foi garantido pela coleção de Cesar Gomes¹⁰⁸, o qual reuniu na Madeira toda a espécie de objetos que a sua constante perseverança lhe ditava. As peças foram na maior partes adquiridas no decorrer das suas funções enquanto comerciante ourives, em leiloes e coleções privadas no Funchal e em Portugal Continental.

[...] Esse espolio era composto de uma serie de elementos heteróclitos e dispares os quias iam desde as mais diversas peças de mobiliário, quer de concepção e feitura local ou sobretudo estrangeiras, às fianças, pinturas, imagens, vidros, esmaltes louças, elementos e figuras de presépios em terracota¹⁰⁹.

Do outro lado da calçada do Pico, numa residência cuja construção data da segunda metade do século XIX, abriu ao público o “Universo de Memórias” de João Carlos Abreu, Centro Cívico e Cultural de Santa Clara (anexo 11 - MC7). Nesse prédio, equipado para desenvolver atividades de âmbito cultural, estão expostos conjuntos de arte *décor* que o ex-Secretário Regional do Turismo, empresário, jornalista, escritor e empreendedor, adquiriu nas viagens realizados em prol do Turismo e que legou à Região Autónoma da Madeira.¹¹⁰



Figura 52 - Figuras do Convento de Santa Clara no Funchal

¹⁰⁸ Cesar Gomes, nascido no Funchal, em 26 de Maio de 1875, foi dono de uma ourivesaria também no Funchal. Apreciador de antiguidade, a longo da sua vida colecionou um conjunto de peças que legou à Junta Geral do Distrito do Funchal, sob o compromisso das mesmas ficarem expostas em museu na Quinta Cruzes.

¹⁰⁹ António Aragão, edição da Junta Geral do Distrito do Funchal 1970, *O Museu da Quinta das Cruzes*, p, 46

¹¹⁰ <http://cultura.madeira-edu.pt/universodememorias>, (acedido em 2013-09-05).

Logo abaixo da rua da Cruzes situa-se o Convento e Igreja de Santa Clara (anexo 11 - ER3), construído por vontade de Clara Esteves, mulher de Pedro Gonçalves, em exclusivo para habitação “de mulheres solteiras da sua linhagem e também da restante nobreza” (Sousa, 1991:7). O Convento de Santa Clara manteve vínculos de proximidade com nobreza residente no meio insular madeirense. António Aragão, na sua obra *Para a História do Funchal*, no capítulo alusivo ao convento, cita que “os ricos homens ou fidalgos da ilha passaram a possuir um lugar apropriado onde enclausurar as suas filhas. Este hábito de resguardo e conveniência familiar manteve-se através dos tempos” (Aragão, 1987:110). João José Abreu de Sousa em *O Convento de Santa Clara do Funchal*, refere que “Para entrar neste convento era necessário dispor-se de uma razoável fortuna a fim de assegurar o pagamento do dote, o que só aconteceria, normalmente com a nobreza” (Sousa, 1991:7).

Em *O Último Cais*, Helena Marques faz alusão ao referido espaço, quando se refere às primas de Raquel:

“Raquel prepara dois cestos com lembranças para as primas Belchior. São vagamente suas parentas, acolheram-se aos Santos Apostolos depois da história sinistra, abriu-lhes as portas uma tia-bisavó de Raquel, Josefina Passos Villa, então regente do Retiro, espécie de convento sem freiras, destinado a senhoras bem-nascidas e com meios de subsistência mas sem família que as alojasse”.

(Helena Marques, UC, 74)

Descendo a íngreme Calçada de Santa Clara, encontramos a Casa Museu Frederico de Freitas (anexo 11-MC8). “A casa da Calçada”, designação pela qual era conhecida, foi doada pelo advogado, notário e colecionador Dr. Frederico Freitas à Região. Aberta ao público dez anos após a sua morte, em 1988, contém no seu espólio peças respeitantes à Madeira. Todavia, esta casa destaca-se pela existência de um conjunto de gravuras e desenhos sobre os transportes utilizados na Madeira e pela azulejaria adquirida em 1999¹¹¹.

¹¹¹ Ibidem

Na base da calçada de Santa clara, está a Igreja de São Pedro (anexo 11 - ER4) construída no final do século XVI. Durante os séculos seguintes seria ampliada e beneficiada em termos estruturais e arquitetónicos. O interior encontra-se decorado com azulejos característicos dos séculos XVII e XVIII e talha dourada. São também notáveis peças de ourivesaria, acervo singular dos últimos cinco séculos¹¹².

Na esquina da rua da Mouraria, integrado do Palácio de São Pedro, localiza-se o Museu Municipal do Funchal, (anexo 11-MC9), também designado por Museu da História Natural, fundado no decorrer das primeiras três décadas do século XX, pela Câmara Municipal do Funchal, proposto pelo naturalista Adolfo Cesar de Noronha. Trata-se do mais antigo dos museus a funcionar nos nossos dias e contém um vasto e diversificado conjunto de animais, aves, peixes, mamíferos marinhos e terrestres e insetos que integram a fauna marinha, flora e geologia madeirenses¹¹³.

Atravessando a rua de São Pedro, desce-se a rua do Castanheiro, ladeada pelo colégio dos Jesuítas encontramos no final, a Praça do Município (anexo 11 - EP15). Esta praça reúne edificações que de forma parcial relatam a história da Madeira: A Igreja de São João Evangelista mais conhecida por Igreja do Colégio, o Edifício dos Paços do Concelho, a capela de São Sebastião e o museu de Arte Sacra.

A ampla praça do Município, projetada pelo arquiteto Carlos Ramos, possui ao centro um chafariz da autoria do arquiteto Raul Lino, que também teve a seu cargo o restauro do edifício da Câmara Municipal.

“[...] curva para o Largo do colégio, e continua a caminhar vagarosamente, até se encontrar bem em frente da nobre fachada da Igreja dos Jesuítas, sem dúvida a mais imponente das igrejas da cidade. Fora a mãe quem o ensinara a apreciar aquela magnífica igreja setecentista, de construção interrompida e retomada no século seguinte, quem lhe falara da brilhante ordem monástica que escolhia servir Deus pelos caminhos da

¹¹² Diva Freitas, *Guia dos Monumentos do Funchal*, 2008, p.84.

¹¹³ Francisco Clode Sousa, *Guia dos Museus do Funchal*, 2007, 38.

inteligência, que levara a escola a todos os cantos do Mundo”.

(Helena Marques, BA, 174)

A montante, no Conjunto do Colégio dos Jesuítas¹¹⁴ está a Igreja de São Evangelista (anexo 11 - ER5), considerada uma das mais pujantes e sublimes da Ordem dos Jesuítas, a quem fora autorizada a permanência na Madeira. A construção da Igreja tinha como função cuidar da fé, além de possuir instalações próprias para alojamento e ensino para tratar da educação, por carta régia de 20 de Agosto de 1569. Quase dois séculos depois, os Jesuítas seriam expulsos de todo o território português, os seus bens subtraídos, a Igreja e o colégio encerrados, durante o seu reinado, D. Maria I, cede este imóvel ao Seminário Diocesano; no entanto, durante os anos em que a Madeira esteve sobre o domínio britânico, foi utilizado de forma despótica pelas tropas em celebrações anglicanas. Voltaria a encerrar, até que José Silvestre Ribeiro, Governador Civil do Funchal, mandar executar obras de restauro, entregando posteriormente à Igreja.



Figura 53 - A Igreja do Colégios dos Jesuítas séculos XIX e XX

Na Igreja do Colégio, em paralelo com o serviço religioso, são promovidos ao longo do ano concertos de música sacra.

O Conjunto da Igreja do Colégio ocupa quase um quarteirão. Nos finais do século XVIII, uma parcela desse conjunto foi ocupada pelos serviços militares. Dois séculos depois foi transformada e adaptada para instalação da Reitoria da Universidade da Madeira. Anexado aos serviços administrativos, este complexo possui sala de exposições temporárias. O Pátio

¹¹⁴ Rui Carita, *Funchal 500 anos de História*, 2008:63

dos Estudantes¹¹⁵ foi recuperado, sendo no presente momento da responsabilidade de Associação Académica da Universidade da Madeira, a fim de o promover e desenvolver.



Figura 54 - Pátio dos Estudantes

A norte, no antigo Palácio Conde de Carvalhal encontra-se a Câmara Municipal do Funchal, (anexo 11-M10) instalada num edifício do século XVIII, construída pela família Carvalhal Esmeraldo.



Figura 55 - Largo do Município com os Paços do Concelho

Foi adquirida pela autarquia à empresa “Freitas e Macedo” nos finais do século XIX, já depois de ali funcionar há mais de uma década, a título de aluguer. Remodelado nos anos quarenta do século XX, conservou alguns traços arquitetónicos comuns dos séculos XVII e

¹¹⁵Rui Carita, *Funchal 500 anos de História*, 2008, p.63 Ibidem

XVIII. As fachadas exteriores estão decoradas com cantaria cinzenta e a porta principal está epilogada com as armas do Funchal.



Figura 56 - São Tiago, padroeiro da cidade e a “Leda e o Cisne”

Na ornamentação do átrio interior, as paredes são revestidas a azulejos e ao centro é possível observar a escultura “Leda e o Cisne” sobre um chafariz antigo. Nos salões da edilidade encontram-se os retratos dos Reis de Portugal, pinturas a óleo e litografias da cidade. Todo o edifício se encontra protegido pelo santo padroeiro do Funchal, São Tiago Menor, num baixo-relevo firmado na parede exterior norte¹¹⁶.

Segue-se o Museu de Arte Sacra (anexo11-MC10), considerado um dos melhores da Europa. Este museu está alojado num edificação do século XVI, mandado erigir para Paço Episcopal. Dessa existência restam todavia “a arcaria maneirista sobre o Largo do Município e a capela de São Luís de Tolosa¹¹⁷” (anexo 11 – ER10).

¹¹⁶ Diva Freitas em Guia dos Monumental do Funchal, 2008, p. 55 e J. Reis Gomes em Casas Madeirenses, 1968, p. 44

¹¹⁷ Rui Carita em Funchal, 500 anos de Historia, 2008, p 60

No início do século XX, após a saída da Diocese, o Liceu do Funchal funcionou neste mesmo prédio entre 1914 até à sua transferência definitiva para o edifício próprio onde o podemos encontrar, atualmente, localizado ao Largo do Jaime Moniz.¹¹⁸

Nos anos cinquenta do mesmo século, após obras de reintegração e ajuste, surgiria então o Museu de Arte Sacra do Funchal, onde se pode apreciar coleções de Pintura, Escultura, Ourivesaria e Paramentaria de Arte Flamenga e de Arte Portuguesa.

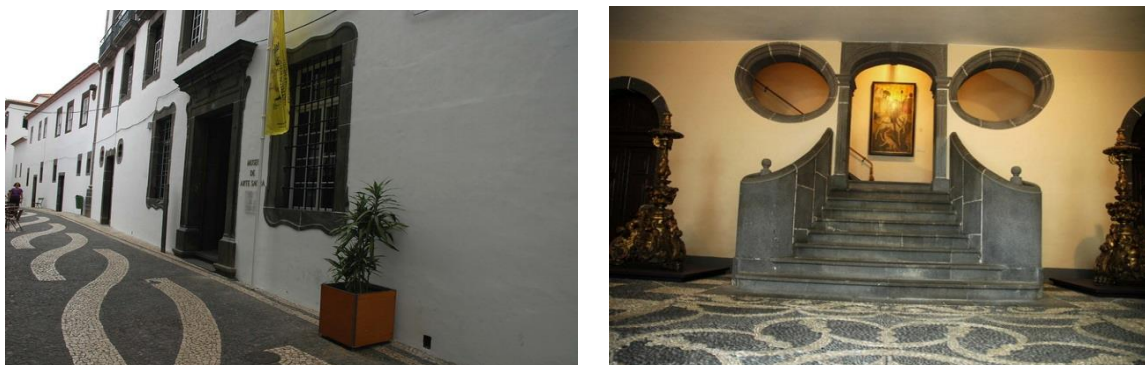


Figura 57 - O museus de Arte Sacra do Funchal

A Arte Flamenga que data dos séculos XV e XVI, faz parte do acervo Pinturas, Esculturas e Ourivesaria. Os interesses comerciais em torno da produção e exportação de açúcar entre Flandres e a Madeira determinaram a vinda desta peças para o arquipélago. A expansão económica vivida na época permitiria aos comerciantes e produtores açucareiros a aquisição de importantes obras de arte importadas de Flandres.

As peças de Arte Portuguesa medeiam entre séculos XV e XVIII e são na sua maioria peças de serventia cristã, procedentes da capela e igreja da Diocese do Funchal. Delas destacamos a Cruz Processional trabalhada em prata levemente dourada, uma das peças mais antigas vindas da Igreja de Gaula, a Custódia em Ouro e pedras preciosas do século XVIII, pertença da Igreja da Sé, uma pintura do Nascimento de São João Batista, proveniente do Convento de Santa Clara no Funchal, do século XVI e uma escultura do Século XVII de Nossa Senhora da Luz, proveniente de Igreja de São João Evangelista do Funchal (Sousa, 2008).

¹¹⁸ Padre Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo do Meneses em *Elucidário Madeirense*, Vol. II, p.271 e Francisco Clode de Sousa em *Guia de Museus do Funchal*, 2008, p.9.

A beleza, a raridade, valor histórico e patrimonial de todo o acervo conferem ao Museu de Arte Sacra do Funchal a primazia de um dos melhores da Europa.

Concluimos o nosso roteiro neste espaço relevante da História e da Cultura da Madeira, mas não podemos deixar de referir outros lugares emblemáticos da cultura da cidade do Funchal, como por exemplo a zona velha da cidade que nos permite conhecer pequenos núcleos culturais, nos quais se inclui a capela de São Tiago Menor, santo protetor da cidade e, visitar a Fortaleza de São Tiago que acolhe no interior das suas paredes o Museu de Arte Contemporânea.

A fortaleza de São Tiago foi construída no Século XVII para defesa da cidade. Nos anos noventa do século XX foi entregue ao Governo Regional da Madeira, que aí alojou uma área militar, a fim de promover um estudo da trajetória histórica da defesa da baía do Funchal e o Museu que recebe exposições temporárias que conserva no seu espólio uma coleção de arte contemporânea portuguesa da segunda metade de século XX¹¹⁹.

No lado oposto da cidade, o Parque de Santa Catarina, rico em beleza ornamental e visual, seguida da Quinta Vigia, atual residência oficial do Governo Regional da Madeira.

Se continuarmos para oeste, encontramos depois da ponte do Ribeiro Seco, construída durante a vigência governativa de José Silvestre Ribeiro, a Quinta Magnólia, pertença do Governo Regional, construída no século XVIII ou XIX pelos ingleses, funcionava como clube inglês (jogos, festas biblioteca) Proteção Civil regional e a Biblioteca de Culturas Estrangeiras.

¹¹⁹ Informação recolhida do sítio d internet do Museu de Arte Contemporânea, (acedido em 9 Dezembro de 2013).

Pontos de Chegada

Devido ao isolamento a que a Ilha da Madeira se encontrava devido à barreira imposta pelo mar, os habitantes do arquipélago da Madeira adaptaram-se às circunstâncias. Produziam a maior parte dos bens necessários à sua alimentação e procuravam criar fontes de rendimento e progressão da qualidade de vida, de acordo com as oportunidades.

Contudo, a localização geográfica da Ilha da Madeira no meio do Atlântico cedo passou a ser escolhida para abastecimento de navios. Os seus atributos naturais seduziram alguns estrangeiros, na maioria britânica que acabavam por aí fixar residência, desenvolvendo novos modos de sustento e assim contribuindo para o, progresso e melhoria da qualidade de vida no espaço insular.

O açúcar e o vinho da Madeira foram pioneiros na promoção mundial do território insular madeirense, mas também os responsáveis pelo desenvolvimento económico que se verificou e que em muito contribuiu para o favorecimento da Ilha da Madeira. Referimo-nos às construções públicas e habitações vastas e sumptuosas que cooperam na criação de riqueza patrimonial do arquipélago, em que se evidenciou a aquisição de valiosas peças decorativas, tais como as ornamentações instaladas nas igrejas, joelharias, esculturas, pinturas e outros objetos de arte portuguesa e estrangeira, passíveis de serem contempladas nos sítios de índole cultural no território madeirense.

Não obstante os períodos de prosperidade económica, graças à cana-de-açúcar e ao vinho Madeira, no decorrer do século XIX e inícios do século XX, muitos madeirenses de classes menos favorecidas, e em particular os residentes nas zonas rurais, padeceram de muitas necessidades. A agricultura, maior responsável pelo sustento de muitas famílias, foi severamente fustigada por moléstias, tais como a vinha com o oídio e a filoxera e a cana-de-

açúcar por vários por fungos e intempéries. Como resultado da ausência de alimentos, viriam o ocorrer situações trágicas de doença.

Para agravar a situação a condição, económica, política e social em que Portugal e a Europa se encontravam em nada abonava no auxílio à Madeira. Pelo contrário, as relações diplomáticas entre Portugal e a Grã-Bretanha chegaram a colocar a Madeira numa posição delicada, aquando, do conflito entre a Alemanha e a Inglaterra na disputa pelo território madeirense.

Todavia, foi durante essa época mediada entre o último quartel do século XIX e os anos trinta do século XX que a Madeira herdou muitos progressos que continuam a fazer parte integrante da história da ilha. Referimo-nos ao longo do nosso trabalho às quintas e outras construções que hoje são sede de instituições públicas e privadas. A obra do porto marítimo do Funchal, fundamental para a receção de navios frequentes na baía, a abertura de estradas no interior da ilha, o desenvolvimento e lançamento de estruturas públicas para melhoria da qualidade de vida da população, como por exemplo, melhorias no acesso à saúde, instalação de uma rede de saneamento, a construção de jardins e espaços públicos de lazer e de cultura, entre outros. Coincidente com este espaço temporal foi também o lançamento do bordado Madeira e o início do desenvolvimento hoteleiro que viriam a melhorar em muito a economia da Madeira.

A localização geográfica no Atlântico contribuiu para a passagem constante de visitantes estrangeiros que, no regresso a casa, levavam da Madeira muitas referências e a vontade de voltar. O clima ameno ao longo de todo o ano levaria a que, por indicação médica, a Madeira se tornasse num lugar favorável para a convalescença da tuberculose. Por tal motivo, muitos doentes pulmonares terão recorrido à ilha. Um conceito que ajudou a desenvolver o setor do turismo. Após introdução de novas formas de combate aos problemas de saúde pulmonar, a ilha passou a receber visitas turísticas pela vertente do lazer, que continuaram a acontecer e assim a proporcionar uma nova fonte de receita económica que se mantém ativa na atualidade.

Muitos destes factos que constituem a História da Madeira são referidos nos romances que constituem o *corpus* desta dissertação. O romance intitulado *O Último Cais*, escrito a partir de factos reais com toda a sua envolvência social política e cultural, no contexto português e europeu, em finais do século XIX, dá conta de lembranças e histórias que Helena Marques guardou na memória e que lhe foram contadas pelos seus antepassados. De igual modo *O Bazar Alemão* recupera factos reais ocorridos nos anos trinta, no meio insular madeirense, em vésperas da Segunda Guerra Mundial, com personagens criadas a partir de pessoas reais que a autora conheceu e que sofreram perseguições nazis na ilha.

Conscientes da riqueza histórico-cultural da Madeira que Helena Marques recupera nos seus mundos ficcionais, seleccionámos para o nosso trabalho apenas alguns temas da cultura madeirense. Foi nessa base investigámos temas de âmbito sociocultural abordados nas obras semelhantes aos da realidade da época e que nos permitiu projetar um roteiro da cultura praticada na Madeira, com maior rigor no Funchal dos finais do século XIX até as primeiras décadas do século seguinte, aos quais juntamos algumas valências desenvolvidas em épocas recentes. Neste roteiro quisemos apresentar os diversos aspetos que compõem a História da Madeira tendo por isso mostrado os vários núcleos que a identificam como, por exemplo, a introdução de arte flamenga e ourivesaria e as edificações apalaçadas fruto do comércio do açucareiro e vinícola. Quisemos também, dada a sua importância para a economia e desenvolvimento da Madeira referir o turismo que começou por ser terapêutico, evoluindo depois para o comércio hoteleiro que hoje existe o Arquipélago.

Terminamos o nosso trabalho, tendo com ele procurado aflorar e interpretar alguns dos aspetos culturais que nortearam a vida madeirense no decorrer dos últimos séculos. Como tentámos demonstrar, os costumes e tradições da Madeira foram pautadas por alterações introduzidas por culturas estrangeiras devido à presença constante de estrangeiros a residir no arquipélago madeirense, assim como por emigrantes regressados à terra natal. Contudo, sabemos que a riqueza histórica e cultural madeirense recuperada, em alguns romances de Helena Marques, nomeadamente *O Último Cais* e *O Bazar Alemão*, podem produzir outros roteiros não só do Funchal mas extensivos a toda Ilha da Madeira.

Bibliografia

CORPUS

MARQUES, Helena (1992), *O Último Cais*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

_____ (2009), *O Último Cais*. Lisboa, 1.^a edição BIS, Leya, ISBN 978-989-660-004-4.

_____ (2010), *O Bazar Alemão*. Alfragide, Publicações Dom Quixote, ISBN 978-972-20-4118-8.

Bibliografia Geral

AZEVEDO, Mário – Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita: 6.^a edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008: ISBN978-972-54-0193-4

Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo.

COSTA, Leonor Freire, LAINS, Pedro, MIRANDA, Susana Münch, *História Económica de Portugal, 1143-2010*, Lisboa, 1.^a edição Outubro de 2011, ISBN 978-989-626-346-1

FRADA, João 2008 *Novo Guia Prático: para a pesquisa, elaboração e apresentação de trabalhos científicos e organização de currículos*. 13.^a reimpressão. Lisboa: Edições Clifontur, ISBN 978-989-20-1066-3

HOUAISS, Antônio (2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa: Temas e Debates, ISBN 9727596614.

História e Cultura

- ARAGÃO, António, (1970) *O Museu da Quinta das Cruzes*, Edição da Junta Geral do Distrito do Funchal
- BAPTISTA, João Manuel de Lemos, (2008) *Funchal-Cidade Turística do Atlântico*, O Liberal, empresa de artes gráficas Lda, Madeira, ISBN 978-972-99439-2-8,
- BUESCU, Helena Carvalhão (Abril de 1994), *O Último Cais*, in *Coloquio Letras*,
- CÂMARA, Benedita (Março de 2002), *A Economia da Madeira (1850-1914)*, Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais, Instituto da Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- CARITA, Rui (2008), *A emigração Madeirense na 2ª metade do Século XIX, através de 2 albuns fotográficos*, in *Islenha* 42.
- CARITA, Rui, (2005) Teatro Municipal Baltazar Dias, Câmara Municipal do Funchal
- CARITA, Rui (2008) Memórias do Funchal. O bilhete-postal ilustrado até à Primeira metade do séc. XX, de José Manuel Melim Mendes». *Islenha*, nº 42
- CARITA, Rui (2008), História da Madeira. O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910). Funchal, Edição Secretaria Regional de Educação e Cultura.
- CARITA, Rui, *Funchal 500 anos de História*, Funchal, Funchal 500 Anos, 2008
- CEHA, Coleção, Memórias, nº 46, Edição
- CORDEIRO, Cristina Robalo, Figura de Destino em "O último cais" de Helena Marques
- HERBERT, David (2001), "Literary places, Tourism and the Heritage experience. *Annals of Tourism Research*, vol. 28, nº 2, 312-333. Great Britain: Elsevier Science.
- CORREIA, João David Pinto, "Apresentação - Ilhas contadas de Helena Marques"
- ESTEIREIRO Paulo, (2010) *Difusão e Efeitos do Piano na Vida Cultural Madeirense no Século XIX*, in *Islenha* 47
- FERNANDES, Maurício, (1991), *Funchal Porto de Mar*, in *Islenha* 9.
- FERNANDES, Maurício Barros, (1987) *Letreiros pintados (1850-1925)*, in *Islenha* 1.
- FERNANDES, Maurício, (1996), *Os hotéis do Funchal (1850-90)*, in *Margem2* n.º4.
- FIGUEIREDO, Fernando (all), (2007), *Crónica Madeirense*, Campo das Letras
- FREITAS, Paulo (1991), *Casinhas de Prazer*, in *Islenha* 8.

FREITAS, António Aragão e VIEIRA, Gilda França (1980), *Madeira Investigação Bibliográfica*. 3 vols., Funchal, DRAC.

FREITAS, Diva, (coord), 2008, *Guia dos Monumentos do Funchal*. Funchal 500 Anos, E.M, ISBN 978-989-95637-9-7.

FREITAS, João Abel (Abril de 2011), *A Revolta do Leite, Madeira 1936*. Lisboa, Edições colibri, ISBN 978-989-689-080-3.

GOES, José Laurindo (1985), «Estabelecimento e evolução do Ateneu Comercial do Funchal». *Atlântico*, 2.

GOES, José Laurindo (1991), «Registos de Ontem». *Islenha* 8.

GOMES José L. de Brito (1993) Caminho Ferro do Monte. *Islenha* 12

GOMES Spranger História da Madeira - Antologia de Textos (2) Sec. Reg. Educação 1984

GOMES, J. Reis (1968), *Casa Madeirenses*. Funchal, Editorial Eco do Funchal LDTA,

GOUVEIA Claudia, (2007), *A quinta do Prazer e os sócios da casa comercial Phelps Page & Co*. In *Islenha* 40.

GUERRA, Jorge Valdemar (1992), *A casa da ópera do Funchal, breve Memória*. In *Islenha* 11

GUERRA Funchal 500 anos: Momentos e Documentos Hist. Nossa Cidade Jorge Valdemar 2010 DRAC

GUERRA Funchal: Breve Cronologia 1419-1976 Jorge Valdemar 2010 DRAC

GUERRA, Jorge Valdemar (2010), *Funchal 500 anos: Monumentos e Documentos da História da Nossa Cidade*. Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direcção Regional de Assuntos Culturais, ISBN 978-972-648-170-6, 2010.

GUERRA, Jorge Valdemar (2010), *Funchal: Breve cronologia, 1419-1976. Separata da Publicação Funchal 500 Anos: Momentos e documentos da História da Nossa cidade*. Funchal, Edição DRAC, SREC e Arquivo Regional da Madeira.

GUEVARA, Gisela Medina, (1996), «A questão da Concessão dos Sanatórios da ilha da Madeira e as relações Luso-Alemãs antes da Primeira Guerra Mundial». *Islenha* 19.

- HORTA, Maria Teresa (1992) "Historias de uma «Aventura literária» - Helena Marques”
Diário de Notícias de 24 de Setembro.
- HORTA, Maria Teresa, (1998) "O Direito á alegria é fundamental" – entrevista com Helena Marques. Diário de Noticia Lisboa de 17de Abril.
- LOJA, Roberto (2002) “A escrita mais livre - Helena Marques, revista do Diário de Notícias 25 Maio.
- MONIZ, Ana Isabel, (*et all*) (orgs.) (2005), «A memória e os lugares», *in, e depois? Sobre a cultura na Madeira.* , Edição da Universidade da Madeira.
- MATOS, Rui Campos (2008), *A Madeira nos finais do sec. XIX.* In *Islenha 43*
- MATOS, Rui Campos (2008), *A propósito das "Casa Madeirenses".* *Islenha 43*
- MATOS Rui Campos (2010), *Os primeiros Hotéis do Funchal - Pequeno contributo para a sua identificação e caracterização arquitetónica.* *Islenha 47*
- MELLO, Luís de Sousa (1994), *Teatro Municipal - Compasso de Espera.* In *Islenha 14*
- MELLO, Luís de Sousa e CARITA Rui (2002), *Associação Comercial e Industrial do Funchal (1836-1933) Esboço Histórico.* Funchal, Edicarte, ISBN 972-98769-2-4.
- MENDES, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal, O Bilhete-postal Ilustrado até à primeira metade do Século XX.* Funchal, Funchal 500 anos, E.M, ISBN 978-989-20-0931-5.
- MOURÃO, Paula (1993), *Viagens na Terra das Palavras,* Cosmos
- NEPOMUCENO, Rui (2010), *A primeira República na Madeira.* In *Islenha 47.*
- NEPOMUCENO, Rui (2004) *As quintas rurais Madeirenses na Obra de Maria Lamas.* In *Islenha 34.*
- NEPOMUCENO, Rui (2005) *Uma Perpetiva da Historia da Madeira.* Eco Funchal
- NEPOMUCENO, Rui Firmino Faria (2008), *A Madeira Vista por Escritores Portugueses (séculos XIX e XX).* Funchal, Funchal 500 Anos E.M, ISBN 978-989-95637-8-0.
- NUNES, Maria Leonor (2010) “o Amor em tempo de guerra- *O Bazar Alemão*” *Jornal das Letras* em 27 Julho.
- MARQUES, Luis (*trad*) (1990), *Paul Langerhans and the Islands Björn M. Hausen.* In *Islenha 7*
- PEREIRA, Eduardo C.N. (1989), *Ilhas de Zargo.* 4ª ed., vol. I e II, Funchal, CMF.

- PESTANA, Cesar A. (1985), *A Madeira, Cultura e Paisagem*, Eco Funchal
- RIBEIRO, João Adriano (s/d), *Ilha da Madeira – Roteiro Histórico-Marítimo*. Funchal, Editorial Calcamar, ISBN: 972-97040-0-7.
- RIBEIRO, Orlando (Junho de 1985), *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX*. Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Lisboa.
- SILVA, Padre Fernando Augusto da; Meneses, Carlos Azevedo de (1978), *Elucidário Madeirense*. 3 vols, Funchal, Edição DRAC.
- VASCONCELOS, Teresa (2008), *O Plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal (Primeira Metade do Século XX)*. Funchal, Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.
- VERÍSSIMO, Nelson (1990), «A Questão dos Sanatórios da Madeira». *Islenha*, nº 6, pp. 124-144.
- VIEIRA, Alberto (1995), *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*. Funchal, CEHA, SRTC.
- VIEIRA, Alberto (2003), *A Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV a XX*. Funchal, Coleção Memórias, nº 46, Edição CEHA.
- VIEIRA, Alberto (2003), *A Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV a XX*. Funchal, Set. 2003 Eco Funchal.
- WILHELM, Eberhard Axel (1988), *Estrangeiros na Madeira: João Wetzler – industrial de bordados, antiquário e doador duma colecção de pratas*. In *Islenha*, 2.
- WILHELM, Eberhard Axel (1990), *As casas alemãs de bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer*. In *Islenha*, nº 7.
- WILHELM, Eberhard Axel (2002a), «”Vêm aí os Nazis!”: Em 1935-1936, 10.000 Alemães ocuparam o Funchal». In *Origens*, nº 6.
- RODRIGUES, Paulo Miguel (2008), *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de Poder e Influência Britânica*. Funchal, Funchal 500 Anos E.M, ISBN 978-989-8182-06-7
- SAINZ-TRUEVA, José de e VERISSIMO, Nelson (1996), *Esculturas da Região Autónoma da Madeira, Inventário*. Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais, ISBN 972-648-107-4.

- SANTOS, Rui (1999), A demolição da Muralha da Cortina da Cidade. In *Islenha* 25.
- SANTOS, Francisco (1989), História Lúdico-Desportiva da Madeira. Secretaria Regional de Educação, Juventude e Emprego, Funchal, ISBN 972-9010-10-2.
- SILVA, António José Ribeiro Marques da, (1994), *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense*. Lisboa, Editorial Caminho, ISBN 972-21-0967-7.
- SILVA, Pa. Fernando Augusto e MENESES, Carlos Azevedo Menezes (1978) *Elucidário Madeirense*. 3 Volumes, 4.^a edição, Funchal, Secretaria Regional da Educação e Cultura (versão online disponível da site da Biblioteca Pública Regional da Madeira
- SOUSA, Francisco Clode (2008), *Guia dos Museus do Funchal*. Funchal, Funchal 500 anos, E.M, ISBN 978-989-95637-3-5
- SOUSA, João José Abreu (1991), *O Convento de Santa Clara do Funchal*. Funchal, 1.^a Edição Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração, ISBN 972-648-029-2
- SPRANGER, Ana Isabel, GOMES, Fernanda Ramos, GOMES Eduarda Sousa (1984) *História da Madeira Antologia de Texto*. Funchal, Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direcção Regional de Assuntos Culturais,
- TRUEVA, José de Saint (1996), *Heraldica de apelidos estrangeiros na Ilha da Madeira*. In *Islenha* 18.
- VASCONCELOS, Teresa (2008), *O Plano Ventura Terra e a Modernidade do Funchal (Primeira Metade do Século XX)*. Funchal, Funchal 500 anos E.M, ISBN 978-989-95704-0-5.
- VIEIRA, Alberto (2001), História da Madeira. Funchal, Editorial Eco do Funchal.
- WILHELM, Eberhard Axel (90) As casa alemãs de bordado em 1880 e 1916. In *Islenha* 7
- WILHELM, Eberhard Axel (1988) *Estrangeiros na Madeira João Wetzler industrial de Bordados*. In *Islenha* 2
- WILHELM, Eberhard Axel, (2011) *O Ataque de um submarino Alemão ao Porto do Funchal, em 1916*, In *Islenha* 48
- WILHELM, Eberhard Axel (1992), *Tapeçaria madeirense e a família Kiekeben*. In. *Islenha* 10

4.3 - Dvd-rom e Cd-rom

CARITA, Rui, *Curso de Historia e Cultura da Madeira; 2008, CD*

CEHA, Republica e Republicanos na Madeira, 1880 – 1926; 2010, DC

4.4 - Sítios da internet

<http://www.uma.pt> – “Regulamento do Mestrado em Gestão Cultural” (acedido em 9 de Setembro de 2013).

<http://elchistoria.blogs.sapo.pt/42457.html> (acedido em 9 de Setembro de 2013).

<http://ampv-vinopolis.blogspot.pt>, Associação de Municípios Portugueses do Vinho (acedido em 28 de Janeiro de 2014)

<http://www.portosdamadeira.com> “ Movimento de Navios e Passageiros - Estatísticas 2013”, (acedido em 22 de Janeiro de 2013)

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2010/09/curiosidades-do-funchal.html> (25 de Agosto de 2012)

<http://repositorium.sdum.uminho.pt> Luís Cunha “O Herói no seu provir: D. Afonso Henriques entre evocação e imagem”(acedido em 9 de Setembro de 2013).

www.anam.pt/historia-madeira (acedido em 11 de Agosto de 2012)

www.arquipelagos.pt/arquipelagos – Imagens, (acedido em 2012-07-18)

www.asm4setembro.pt, “Associação de socorros Mutuos – Quem Somos” – (acedido em 12 de Fevereiro de

www.bordadomadeira.pt “ Instituto do Bordado – fotogaleria”, (acedido em 28-07-2012)

www.cvc.instituto-camoes.pt/ “Figuras da Cultura Portuguesa – António Nobre” (acedido em 6 julho de 2012)

www.imagensraras.pt/ (acedido em 5-9-2012)

www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=6331 [consultado em 6 julho de 2012]

www.madeira-edu.pt/ceha/ (acedido a 2 outubro de 2013)

www.museuquintadascruzes.com, “ Museus da quinta das Cruzes – Foto galeria”(acedido em 10 de abril de 2013)

<http://www.vinhomadeira.pt/História-25> “História do Vinho Madeira” Instituto do Vinho Madeira, (acedido em 07 de agosto de 2012)

www.photographiamuseuvicentes.com.pt – “A História,” (acedido em 2013-04-10).

Anexos